

Q. REASON TO BELIEVE

De Eisenhower, a maior vitória da política dos Estados Unidos

6 milhões de vantagem sobre Stevenson — Vitória esmagadora no Colégio Eleitoral — O fim do "New Deal" e do "Fair Deal" — A vitória foi mais de Ike do que dos republicanos — A maioria no Congresso é mínima

NOVA YORK, 7 (AFP) — O general Eisenhower obteve a maior vitória política da história eleitoral americana, o que é mais um triunfo da popularidade de "Ike" do que uma vitória do Partido Republicano. Os resultados definitivos ainda não são conhecidos, mas os que já foram obtidos indicam que o General conseguiu um número de votos sem precedentes: 22.497.888 contra 20.158.658 de Stevenson.

RECORDS ANTERIORES

Os recordes foram batidos pelo Presidente Roosevelt em 1932 e em 1936. Quanto ao número de votos recolhidos pelo Presidente Eisenhower no Colégio Eleitoral, 442 cadeiras contra 80 de Stevenson — não foi ultrapassado senão de maneira relativamente insignificante em 1928 pelo Republicano Herbert Hoover, quando de sua vitória sobre Alfred Smith.

O triunfo do General cria outros precedentes: o primeiro em 20 anos de política econômica e social conhecida sob o nome de "New Deal" e depois de "Fair Deal", concebida e realizada em primeiro lugar por Roosevelt nas vésperas da grande crise econômica que assolou os Estados Unidos a partir de 1930, e depois prosseguida pelo seu sucessor, o sr. Harry Truman.

Foi um período de esforços governamentais cujo objetivo essencial era aumentar o poder aquisitivo do povo e durante o qual as organizações sindicais adquiriram, no interior da vida americana, uma influência que jamais teriam esperado durante os mandatos presidenciais anteriores aos de Roosevelt. Foi também, o período das despesas governamentais que se traduziram por grandes trabalhos públicos tais como instalações elétricas do rio Tennessee, que contribuíram para absorver 15 milhões de desempregados.

IKE E OS SINDICATOS

"Um terço da nação, dizia Roosevelt, pouco depois de assumir o poder, está mal vestida, mal nutrida e mal abrigada". Foi também, a instauração dos Seguros Sociais, da Ajuda à Agricultura, que constituíram um dos setores mais prósperos, do controle das Bolsas de Valores na Exchange, e a instalação de Wall Street de 1929 que arruinou milhares de americanos.

Ignora-se ainda qual será, exatamente, a política do governo em relação a estas questões, mas parece certo que o Sistema de Seguros Sociais não será modificado, o mesmo acontecendo com a Ajuda à Agricultura, mas que os sindicatos não gozarão do poder, muitas vezes excessivo, que eles possuíam durante vinte anos.

A CISA DO SUL

2 — Por sua popularidade e pela estima que desfruta aqui o general Eisenhower, conseguiu vencer a cisa do "Sul homogêneo", os onze Estados do sul que durante a guerra de Sessenta constituiram os Estados Confederados e que desde a abolição da escravatura pelo presidente republicano, Abraham Lincoln, votavam invariavelmente nos democratas, há cem anos, salvo em 1928. Ele conseguiu 55 votos, no

Colégio Eleitoral, dos Estados da Virgínia, Flórida, Texas e Tennessee.

Nos outros Estados do sul, não perdeu senão por uma pequena maioria. A "onda de maré" em favor de Eisenhower levou à Câmara dos Representantes e ao Senado uma nova maioria republicana, e isto a despeito de uma forte oposição democrata em numerosos Estados. Todavia, as maiorias de que dispõe Eisenhower são muito pequenas: um voto no Senado.

A atribuição das oito cadeiras na Câmara ainda não foi decidida, mas se os oito democratas acambrarem-nas, como tudo faz prever, o General disporá apenas de seis votos.

O CONGRESSO

WASHINGTON, 7 (UP) — A julgar pelos resultados das eleições de terça-feira passada, o governo de Eisenhower defronta-se com a perspectiva de ter que depender dos democratas antitruimanistas para conseguir que o Congresso aprove as medidas ou projetos de lei.

Os resultados quase completos do pleito dão aos republicanos uma maioria tão reduzida no Congresso, que o absentismo e as defecções normais poderão, com frequência, retardar ou impedir mesmo qualquer medida importante.

O novo Senado terá 48 republicanos, 47 democratas, e 1 independente, Wayne Morse, de Oregon. Ao que parece, as melhores perspectivas de Eisenhower para assegurar a aprovação de suas medidas encontram-se em certos democratas do sul que no último ano atuaram no Congresso em colaboração estreita com os republicanos.

A SEGURANÇA DE IKE

TOQUIO, 7 (U.P.) — Os militares responsáveis pela segurança pessoal dos visitantes importantes mostram-se nervosos ante a perspectiva da possível viagem do presidente eleito, general Eisenhower, a frente de batalha, durante sua estada na Coreia. Um porta-voz oficial do comandante supremo na Coreia, general Mark Clark, disse que Eisenhower será recebido com todas as honras, mas acrescentou que não se recebeu notícia oficial alguma sobre a viagem.

Alguns círculos militares mostram-se preocupados com a garantia da segurança de visitante dessa categoria ao teatro da guerra, e acredita-se que o exército resolverá cercar de todos os movimentos do general. Nenhum presidente ou presidente eleito dos Estados Unidos visitou jamais um país estrangeiro que fosse no momento teatro de operações. Quando, durante a última guerra, o presidente Roosevelt visitou a África, a guerra já havia passado para a Coreia. Eisenhower prometeu, durante a campanha eleitoral, visitar a Coreia, se eleito, e hoje o presidente da Coreia do Sul, Syngman Rhee, ao felicitá-lo, convidou-o a fazer essa viagem pois "estamos certos de que encontrará aqui solução adequada". Alguns meios acreditam que Eisenhower fará a viagem por via aérea. Se vier ao Japão, o governo deste país se verá então inusitado do problema de protocolo, relativo às honras que devem ser tribu-

tuadas a um presidente eleito. Alguns diplomatas asiáticos manifestam a esperança de que Eisenhower, a quem muitos consideram partidário da política de preferência pela Europa, visite países do Extremo Oriente.

A PENSÃO DE TRUMAN

WASHINGTON, 7 (AFP) — O presidente Truman terá direito a uma pensão governamental de 95 dólares por mês, unicamente, quando seu mandato presidencial expirar dia 20 de janeiro próximo — anunciou um porta-voz da Casa Branca.

E' esse, com efeito, o montante da pensão a qual o coronel reformado Harry Truman tem direito por seus serviços durante a primeira guerra mundial, e depois como oficial da reserva.

A lei não prevê nenhuma compensação especial para os antigos presidentes dos Estados Unidos, acrescentou o porta-voz, acrescentando que o sr. Truman nem mesmo teria direito à franquia postal, da qual se beneficiam as viúvas dos presidentes.

A Câmara e o Senado estabeleceram um sistema de pensões para seus membros, mas o sr. Truman não se poderá beneficiar em sua qualidade de antigo senador por Missouri, porque a lei foi votada quando ele já havia deixado o Senado para se tornar primeiro vice-presidente, e depois presidente dos Estados Unidos.

Coossal Fôça de Combate a Frota Dos Estados Unidos

Mais de 100 porta-aviões — Igual em tonelagem a todas as outras reunidas

LONDRES, 7 (AFP) — A frota dos Estados Unidos é a maior que jamais existiu em tempo de paz e a sua tonelagem é igual à tonelagem de todas as demais frotas do mundo reunidas, — declara o prefácio da nova edição do anuário Jane's Fighting Ships, publicada ontem.

Esclarece o anuário que a frota norte-americana abrange mais de 100 porta-aviões, 15 navios de linha, 75 cruzadores, 350 destróieres, 270 contratorpedeiros de escolta e fragatas, 300 submarinos.

Alguns círculos militares mostram-se preocupados com a garantia da segurança de visitante dessa categoria ao teatro da guerra, e acredita-se que o exército resolverá cercar de todos os movimentos do general. Nenhum presidente ou presidente eleito dos Estados Unidos visitou jamais um país estrangeiro que fosse no momento teatro de operações. Quando, durante a última guerra, o presidente Roosevelt visitou a África, a guerra já havia passado para a Coreia. Eisenhower prometeu, durante a campanha eleitoral, visitar a Coreia, se eleito, e hoje o presidente da Coreia do Sul, Syngman Rhee, ao felicitá-lo, convidou-o a fazer essa viagem pois "estamos certos de que encontrará aqui solução adequada". Alguns meios acreditam que Eisenhower fará a viagem por via aérea. Se vier ao Japão, o governo deste país se verá então inusitado do problema de protocolo, relativo às honras que devem ser tribu-

tuadas a um presidente eleito. Alguns diplomatas asiáticos manifestam a esperança de que Eisenhower, a quem muitos consideram partidário da política de preferência pela Europa, visite países do Extremo Oriente.

Churchill deixaria o governo

Eden ficaria em seu lugar

Bowling, agora reformado. Esse coronel exercia em Corregidor as funções de chefe do estado-maior do general George Moore, oficial que havia ordenado a imersão do tesouro.

O coronel Bowling havia organizado a expedição noturna dos homens do comboio estavam a par da sua missão e conheciam o local em que estava imerso o dinheiro.

INDAGAÇÕES

O ex-argento Provoos figurava entre essas homens? Teria conseguido, então, conservar esse fabuloso segredo diante dos japoneses os quais servia? O seu advogado procura provar que foi esse o caso e que o acusado merece pelo menos o benefício das circunstâncias atenuantes.

O ex-argento Provoos está incurso na pena de morte.

Dr. Floriano Martins

— PRATICA (TAMÉ: NÚMERO 100 DO PRIN NEWSPAPER) Paralelos e prólogo Rua Gonçalves Dias, 20-A 3.º andar — Tel. 42-9005

Um pedaço de papel

ESTOCOLMO — A simples aplicação de um pedaço de papel de filtro valeu o Prêmio Nobel de Química a dois cientistas britânicos — o dr. Archer John Porter Martin, do Instituto Nacional de Pesquisas Médicas, e o dr. Richard Lawrence Millington Synge, do Rowett Research Institute, da Escócia.

Trabalhando juntos para a Associação de Pesquisas da Indústria de Lã, em Leeds, os dois criaram um método simples e barato de análise, pelo simples emprego de papel de filtro. Os dois biólogos químicos, assim, aperfeiçoaram o instrumento de análise conhecido como Cromatograma, inventado por um cientista polonês, em 1905.

O método abre novas perspectivas para as pesquisas químicas, criando meios simples de análise de várias substâncias, como hormônios do sangue e antibióticos. (UP)

Coação irresistível

REIMS — A sra. Yvonne Chevallier, que matou com cinco tiros de revólver o seu esposo Pierre Chevallier — dois dias após haver sido nomeado secretário de Estado no gabinete René Pleven, foi absolvida após sensacional julgamento que durou dois dias.

O Tribunal do Juri reconheceu a existência das circunstâncias atenuantes, de acordo com a tradição francesa, cercam as tragédias oriundas de infidelidades conjugais e ciúmes. E após deliberarem durante 45 minutos, os sete jurados — todos homens — anunciaram o veredito que foi recebido com aplausos pelo público que lotava as dependências do tribunal.

Segundo as peças do processo, a sra. Chevallier matou seu esposo por não suportar mais os "insuportáveis sofrimentos" que lhe vinham acarretando as relações íntimas de Pierre com a esposa de um vizinho. (UP)

SÁBADO
Leia na 7.ª página
MERCADO DE AUTOMÓVEIS

O ENCONTRO KE-TRUMAN

AUGUSTA (Georgia), 7 (AFP) — O general Eisenhower, o presidente designado dos Estados Unidos, informou ao presidente Truman que está pronto para se encontrar com ele — acedendo ao convite que lhe foi dirigido — daqui a uns dez dias.

Quanto ao oferecimento que faz o presidente Truman de nomear representantes para estudarem, com os serviços interessados, os assuntos governamentais, declarou que já fez essas nomeações imediatamente. E o seguinte o texto do telegrama dirigido pelo general Eisenhower ao presidente Truman em resposta ao recente despacho do chefe de Estado:

"Obrigado pelo vosso telegrama. Alegro-me com a proposta de ter uma conversação convosco para permitir realizar-se no melhor possível a operação de transmissão.

Milhões de dólares no fundo do mar

NOVA YORK, 7 (AFP) — A história de um fabuloso tesouro de 750 milhões de dólares, em moedas de prata, carregado em 265 caminhões e imerso na baía de Manila, pouco antes da queda da fortaleza de Corregidor nas mãos dos japoneses, fato ocorrido no começo de junho de 1945, foi evocada ontem nesta cidade por ocasião de um processo de traição.

Fabuloso tesouro em moedas de prata — Uma história da guerra passada disposição do inimigo, de ter servido aos interesses desse inimigo falando pelos microfones do rádio japonês e de ter incitado os seus camaradas, prisioneiros, a divulgar o local em que repousavam no fundo do mar as moedas de prata.

DEFESA

Quanto a este último ponto da acusação, o defensor do ex-argento apresentou uma testemunha de defesa: coronel Louis

RECAUCHUTADORA CONTINENTAL LTDA.
R. DAS MARREAS 40 TEL. 22-0347 RIO
DISTRIBUIDOR DOS PLUS DE BICICLETAS
U. S. ROYAL

Carlitos deixa Paris

PARIS — Charlie Chaplin e sua esposa, cuja partida estava prevista para o meio-dia de hoje e fora adiada para às 17 horas, decidiram que somente deixariam esta capital amanhã. Nessas condições deverão embarcar às 17 horas, no aeródromo de Orly, no voo regular da Air France, com destino a Londres.

O casal Chaplin será recebido hoje no Eliseu, pelo presidente da República, por um almoço íntimo. (AFP)

O vento e o rapaz alegre

LONDRES — O vendaval de ontem à noite arrancou do telhado de uma casa da rua Gravesend uma placa de chumbo pesando uma tonelada e arremessou-a a grande distância, como se fosse uma folha de papel.

No rio Tâmisa, em Greenwich, foram à garra dezenas de navios e embarcações menores. Algumas dessas embarcações foram lançadas por cima das margens, caindo nas alamedas, ao passo que outras se desmantelaram de encontro ao cais.

O navio finlandês "Mylykoski", de 2.800 toneladas, saltou-se das bóias de Swanscombe e ficou à mercê do vento e das ondas, mais tarde por um potente rebocador que o puxou para novo ancoradouro.

Os bombeiros tiveram um trabalho insano durante toda a noite, apagando a incêndios provocados pelo vendaval e retirando pessoas de casas danificadas. E' elevado o número de chaminés que ruíram por cima das casas. Na tendinha "Merry Boys" (Rapazes Alegres) em Turnbridge, condado de Kent, um homem que ali fazia as suas libações de "scotch" ficou preso durante duas horas embaixo dos destroços da chaminé do estabelecimento, antes dos bombeiros o libertarem bastante ferido. (UP)

DOS ESTADOS E TERRITÓRIOS

Punição dos policiais paulistas

S. PAULO, 7 (Sucursal) — 60 investigadores da Polícia paulista, envolvidos no inquérito, realizado pelo delegado S4 de Miranda, estão prestes a sofrer as penalidades que lhes serão impostas.

O secretário de Segurança, sr. Elpidio Reale, acaba de receber os autos do inquérito sobre as atividades desses investigadores, que estão sendo acusados de exploração do lenocínio.

O secretário deverá, após tomar conhecimento do caso, encaminhá-lo à apreciação do Conselho de Polícia Civil do Estado, composto de vários delegados auxiliares, para a deliberação final.

Espera-se, pois, dentro de poucos dias, a demissão em massa dos investigadores acusados, conforme declarações do sr. Elpidio Reale, que prometeu exonerar todos aqueles cuja culpabilidade fosse comprovada, removendo para as delegacias distantes aqueles que, sabidamente desonestos, tenham tido a sorte de não deixar o menor indício.

Desfile de modas brasileiras

S. PAULO, 7 (Sucursal) — Realizou-se ontem à tarde, no Museu de Arte, no Salão das Exposições Permanentes, com a presença de cerca de 2.000 pessoas, o primeiro desfile de modas brasileiras.

Apresentaram-se 50 modelos de criação de Roberto Sambonet, Caribé, Roberto Burlamaque e Clara Hariche, compreendendo modelos para praia, tarde, jardim, almoço, passeio, no campo, e outros.

Os modelos foram batizados com os nomes de "Jangada", "Culca", "Macumba", "Balaio", "Bala de Coko Queimado" e outros brasileiros.

Essa iniciativa pioneira do Museu de Arte apresentando modelos feitos pelos seus artistas e costureiros, visa à criação da moda brasileira.

Carne de aspecto repugnante

SANTOS, 7 (Asapress) — Os açougueiros santistas resolveram não retirar a quota de carne congelada a que tinham direito, ficando o povo desta cidade sem o produto. Justificaram a atitude dizendo que a carne tinha aspecto repugnante, não servindo, mesmo, para o consumo.

Em consequência, diversas autoridades embarcaram para o Rio, a fim de pleitear a retirada do produto do mercado, como compra obrigatória, a exemplo do que aconteceu na capital do Estado.

Intransitável o rodovia

CAMPOS, 7 (Asapress) — Continua chovendo sem cessar nesta região. Em consequência, a estrada de rodagem Niterói-Campos está com seu traçado prejudicado, principalmente entre Macaé e Campos.

Os ônibus estão retidos em Macaé, pois o tráfego se tornou impossível, na rodovia, Amarel Peixoto.

Charuto voador

PORTO ALEGRE, 7 (Asapress) — Informa de Três Passos que um objeto luminoso, em forma de charuto, com uma velocidade estimada de 1.000 km/h, foi avistado, principalmente entre Macaé e Campos.

Os ônibus estão retidos em Macaé, pois o tráfego se tornou impossível, na rodovia, Amarel Peixoto.

3 mil ladrões versus 30 policiais

PORTO ALEGRE, 7 (Asapress) — Dezenas de "puniuistas" estão novamente operando em Porto Alegre. A invasão se deve à deficiência de elementos humanos, pois não é possível que a DEAP, com trinta homens, combata três mil ladrões flicados.

BANCO LINO PIMENTEL

CONSULTEM NOSSAS TAXAS

Aviso ao Público

A COMPANHIA FERRO CARRIL CARIOCA comunica ao público que, na conformidade do Termo de Acórdão celebrado com a Prefeitura do Distrito Federal, em consequência da Lei Municipal n. 737, de 29 de outubro de 1952, os preços das passagens, nos carros e reboques de 1.ª classe, serão os seguintes, a partir de 0 hora do dia 8 do corrente:

- Cr\$ 0,60 (sessenta centavos) nas seções Carioca-Curvelo e Muratori-Curvelo;
- Cr\$ 1,10 (um cruzeiro e dez centavos) nas seções Carioca-França, Carioca-Paula Matos, Muratori-França e Muratori-Paula Matos;
- Cr\$ 0,60 (sessenta centavos) nas seções Curvelo-França, Curvelo-Paula Matos e França-Silvestre;
- Cr\$ 1,60 (um cruzeiro e sessenta centavos) na passagem direta Carioca-Silvestre.

O acréscimo da receita obtido com a majoração dos preços das passagens será aplicado, exclusivamente, no atendimento dos encargos decorrentes do aumento de salário dos empregados da Companhia, na conformidade dos Acórdãos celebrados com o Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbanos do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1952.

A DIRETORIA

Carlitos deixa Paris

PARIS — Charlie Chaplin e sua esposa, cuja partida estava prevista para o meio-dia de hoje e fora adiada para às 17 horas, decidiram que somente deixariam esta capital amanhã. Nessas condições deverão embarcar às 17 horas, no aeródromo de Orly, no voo regular da Air France, com destino a Londres.

O casal Chaplin será recebido hoje no Eliseu, pelo presidente da República, por um almoço íntimo. (AFP)

O vento e o rapaz alegre

LONDRES — O vendaval de ontem à noite arrancou do telhado de uma casa da rua Gravesend uma placa de chumbo pesando uma tonelada e arremessou-a a grande distância, como se fosse uma folha de papel.

No rio Tâmisa, em Greenwich, foram à garra dezenas de navios e embarcações menores. Algumas dessas embarcações foram lançadas por cima das margens, caindo nas alamedas, ao passo que outras se desmantelaram de encontro ao cais.

O navio finlandês "Mylykoski", de 2.800 toneladas, saltou-se das bóias de Swanscombe e ficou à mercê do vento e das ondas, mais tarde por um potente rebocador que o puxou para novo ancoradouro.

Os bombeiros tiveram um trabalho insano durante toda a noite, apagando a incêndios provocados pelo vendaval e retirando pessoas de casas danificadas. E' elevado o número de chaminés que ruíram por cima das casas. Na tendinha "Merry Boys" (Rapazes Alegres) em Turnbridge, condado de Kent, um homem que ali fazia as suas libações de "scotch" ficou preso durante duas horas embaixo dos destroços da chaminé do estabelecimento, antes dos bombeiros o libertarem bastante ferido. (UP)

O PULSO DO MUNDO

A Torre Eiffel

PARIS — Um anão parisiense, o comerciante David Weinberg, foi classificado na lista oficial como o 35.º suicida da Torre Eiffel.

Segundo informou a polícia, Weinberg lançou-se da segunda plataforma da famosa torre, que dista do solo uns 120 metros. Em que pese a classificação da lista oficial, cálculos extra-oficiais asseguram que mais de cem pessoas já encontraram a morte saltando da Torre Eiffel. (UP)

O Agha vai intervir

PARIS — Fontes informadas dizem que o Agha Khan, um dos homens mais ricos do mundo, está disposto a intervir no litígio entre seu filho Ali Khan e Rita Hayworth. Parece que o Agha Khan está preocupado com o efeito que a controvérsia conjugal está causando na opinião dos adeptos da seita muçulmana lenaíta. Diz-se que o pai de Ali está se preparando para realizar um último esforço no sentido de conseguir uma solução amistosa para o caso.

O próprio Ali, segundo se diz, está alegando razões de família para impedir Rita a que procure a separação em lugar do divórcio. (UP)

FAZ um mês hoje que o Brasil lançou os seus primeiros cruzeiros para alimentar a reforma estrutural. Os partidos, todos eles, responderam ao apelo concordando em trabalhar na reforma. Designaram seus líderes para compor uma comissão parlamentar de estudos.

E daí? Um comissário do Lóide respondeu que tudo isto e o mais que se seguiu foi apenas uma manobra de enquadramento para fazer enjorar passageiros de terceira classe.

Conta o comissário que o Lóide dá uma diária de cinco cruzeiros para alimentar, na viagem, cada passageiro de terceira classe. Ora, cinco cruzeiros não dá para alimentar ninguém, nem mesmo numa terceira classe de navio do Lóide. O comissário, então, no primeiro dia da viagem, fez um acordo com o oficial de dia e, quando o navio ganha mar alto, com os parágrafos da terceira ainda na amurada vendo os restos da cidade, o oficial de dia enquadra os passageiros fortes e toma seu rumo direito. E fatal, diz o comissário, metade dos passageiros de terceira enjorou. E quem enjora não come. E quem enjora no primeiro dia enjora a viagem toda.

Foi o que fizeram com os partidos, diz o comissário do Lóide. Foi o que fizeram principalmente com a UDN.

Nunca se viu, realmente, governo nenhum desprestigar tanto partido que visa a conquistar. A UDN afrontou a crítica da imprensa livre, opinião pública, a sua massa eleitoral para aceitar o apelo de Getúlio. Aceitou-o, fez disto uma comunicação aos representantes do governo e nem os menos lhe deram resposta, nem ao menos constituíram a comissão para a qual designara o seu líder. E aí está Afonso Arinos, com essa designação nas costas, esperando que o chamem, ninguém.

VERBA DE JOGO

UM dos motivos de descontentamento dos deputados balneários com o governador é, dizem, a verba de jogo arrecadada pelo chefe de Polícia, que é seu primo. Já está há habitual nos Estados, esta "regulamentação" do jogo através dos chefes de Polícia, que até já se chama de verba de dinheirinho, com os Executivos estaduais se associando, como cumplices, à contravenção legal. Foi o chefe de Polícia balneário arrecadando 3.100 contos por mês e faz mais coisas com esse dinheiro, inclusive política contra seus companheiros de partido.

PARLAMENTAR

SO' PARA ENJOAR

permanecem. Voltado o papelório ao Castelo, nova instância se abriu: o Consultor Geral da República. E os papéis se avolumam, ninguém sabe por quais caminhos, enquanto os líderes dos partidos, principalmente os líderes da oposição, menos o senado PR, esperam que Getúlio ou Lourival os chame para receber a coisa.

Pura manobra para fazer a UDN enjorar no primeiro dia de viagem e reduzir, com isto, a "diária da boia", como efetivamente reduzem. O comissário Lourival está economizando nas costas de muita gente que não come, porque enjorou.

Éra patente, aliás, esta manobra de enquadramento do navio em ondas. Os ministros estavam com os dias contados, Lourival, como "Brainless" jogado a um canto, não estava dominando os acontecimentos, estava como quem espera. Claram, então, a revolta do Ministério de Experiência para derrotar ministros novos, já anunciados pelo próprio Getúlio. Depois, para dar tempo ao tempo, lançaram a ideia da reforma administrativa. Enquanto a discussão, redigiam projetos e os estudavam, a reforma ministerial seria adiada. E tanto foi isto que, agora, vitória a manobra de enquadramento do navio para fazer a UDN enjorar, os mais entusiasmados da reforma estão se voltando contra ela. É o caso do "Correio da Manhã", que Getúlio diz ser "o jornal do Lafer". Com que euforismo ele noticiou a reforma. Com que zanas a comemorava agora.

JOÃO DUARTE, filho

sabe quando nem como. Diz-se que ainda hoje, ou amanhã, o esquema da reforma estará nas mãos da comissão. Isto não tira, porém, oportunidade ao comentário.

Os "Brainless" do Castelo redigiram o esquema da reforma. Na hora de enviá-lo à comissão criaram, porém, uma instância nova: os ministros. Lá foi a reforma para as mãos das descarnadas mãos que só querem demorar esta reforma porque enjoram a demora.

1. Estabelece o comitê de empresa nas redações, designado pelos sindicatos.

2. Legisla sobre o serviço público, a imprensa e o serviço público.

3. Concede cinquenta por cento de aumento a todos os que já percebem salários acima dos níveis estabelecidos na lei.

O PROJETO

O projeto, agora votado pela Câmara e enviado para o Senado, é o seguinte:

Art. 1.º A remuneração devida a quem trabalha em empresas jornalísticas, nas atividades permanentes classificadas por esta lei, não será inferior a aquela fixada na tabela que a acompanha.

Parágrafo único. A remuneração dos jornalistas que desempenhem funções em comissões de redação, em empresas, respeitadas as disposições da Consolidação das Leis do Trabalho.

Art. 2.º Consideram-se empregados jornalísticos as pessoas que, em suas atividades consistem na edição de jornais, revistas, boletins periódicos ou na distribuição de noticiário.

Art. 3.º Para os efeitos desta lei, equiparam-se às empresas jornalísticas as pessoas ou serviços de outras empresas ou entidades privadas que tenham a exercer as atividades mencionadas neste artigo, bem como as de radiodifusão e as de propaganda comercial em suas seções destinadas à edição de notícias, comentários ou publicidade.

Art. 4.º O disposto neste artigo, com o parágrafo anterior, abrange todos os serviços jornalísticos, sejam eles falados, escritos ou transmitidos por imagem.

Art. 5.º Considera-se jornalista aquela cuja função remunerada habitual compreenda a busca ou documentação de informações, inclusive fotográficas, a redação da matéria a ser publicada, a edição de notícias, a revisão da matéria tipograficamente, a ilustração por desenho ou por outro meio do que for publicado, a recepção radiotelegráfica, a distribuição de noticiário nas redações de empresas jornalísticas, a organização e conservação cultural e técnica do arquivo de material, bem como as atividades de orientação e direção de todos esses trabalhos e serviços.

Art. 6.º Para os fins desta lei, as funções desempenhadas pelos jornalistas ficam assim classificadas:

1. Funções permanentes: redator, repórter, repórter de set, revisor, ilustrador ou desenhista, repórter fotográfico e arquivista.

2. Funções em comissão: diretor, redator-chefe, secretário, subsecretários e chefes de serviço em geral.

Parágrafo único. A chefia de serviço vem a ser a de grupo de redatores, a de grupo de repórteres, a dos revisores, a dos ilustradores e desenhistas, a dos repórteres fotográficos, a dos radiotelegrafistas, a dos arquivistas e bibliotecários.

Art. 7.º Além das funções especificadas no artigo anterior e que correspondam à própria denominação, considera-se:

a) redator aquele que tem o encargo de redigir matéria, contém ou não apreciação ou comentários, ou de traduzi-la;

b) repórter aquele que tem o encargo de colher notícias ou informações e redigi-las;

c) repórter de set aquele que tem o encargo de serviço externo para colher notícias ou informações em local permanente e transmiti-las à redação;

d) repórter fotográfico aquele que ilustra a reportagem noticiosa com a documentação fotográfica por ele colhida.

Vai ser discutido no Senado o projeto contra a Imprensa

A Câmara, em votação final, manteve as primitivas tabelas para aumento de jornalistas, aprovando um substitutivo pior do que o projeto original

de novembro de 1944, passou, com a vigência desta lei, os das duas primeiras categorias citadas para a de redator e os da terceira categoria restante para a de repórter.

Art. 7.º Os revisores e os conferentes passam a ter as suas funções fundidas e constituindo a categoria única dos revisores.

Parágrafo único. Os suplentes de revisor ou de conferente passam, para todos os efeitos, a ser revisores.

Art. 8.º Serão para todos os efeitos legais empregados da empresa e com direito a enquadramento desta lei todos os que a ela prestam serviços jornalísticos de modo efetivo.

Art. 9.º Não haverá incompatibilidade de função entre a profissão de jornalista e a de qualquer outra função remunerada, ainda que pública.

Art. 10.º Unicamente quando se não verificar a compatibilidade de horário, dentro das condições do contrato individual por força do disposto no art. 9.º, o salário, mas só mediante concordância das partes, será pago na razão da hora normal, não podendo, entretanto, deixar de corresponder ao mínimo de três (3) horas por dia.

Art. 11.º O salário do jornalista que trabalhar em revista, boletim ou periódico de circulação mensal, quinzenal ou semanal, desde que o serviço efetivo não exceda a três (3) dias úteis de trabalho, por semana, será pago na base de 50% (cinquenta por cento) do nível mínimo fixado para a respectiva função.

Art. 12.º O jornalista designado pela empresa para servir, de modo permanente ou transitório, em localidade que não aquela onde trabalha, perceberá, além da categoria de função, pelo menos o mesmo salário equivalente ao respectivo nível mínimo que vigore na localidade em que passe a trabalhar, com a proibição qualquer redução do salário.

Art. 13.º Incluem-se neste artigo os empregados de sucursais ou agências de empresas jornalísticas.

Art. 14.º A designação de jornalista para servir de modo permanente ou transitório, em localidade que não aquela onde trabalha, só poderá verificar-se mediante anuência expressa do empregado.

Art. 15.º O regime de contrato individual de trabalho de todos os jornalistas compreendidos nesta lei é mensalista, com duração máxima de cinco horas por dia, seja de dia, seja de noite, e ininterruptas.

Parágrafo único. O jornalista perceberá integralmente o seu salário, vedado qualquer desconto, na hipótese de não oferecer produção, por culpa do empregador, durante o tempo que lhe calha estar à disposição deste.

Art. 16.º Os jornalistas que, por força da natureza dos seus encargos, tiverem de trabalhar aos domingos, serão, para os fins de descanso semanal remunerado, agrupados pela empresa em turnos distintos.

Art. 17.º O jornalista só poderá exercer o seu trabalho extraordinário aquelas que, esgotadas as cinco de duração normal de trabalho, interno ou externo, lhe sejam necessárias para a execução de seu trabalho.

Art. 18.º Para os efeitos da presente lei, as localidades do território nacional são classificadas nas seguintes categorias:

1.ª categoria: Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador.

2.ª categoria: Manaus, Belém, Curitiba, Fortaleza, Campinas, Niterói e Juiz de Fora.

3.ª categoria: As restantes localidades com 50.000 ou mais habitantes.

4.ª categoria: Localidades com menos de 15.000 habitantes.

Parágrafo único. O Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, poderá alterar a classificação das localidades quando houver mudança de população.

Art. 19.º Os correspondentes de jornais nunca terão uma remuneração inferior ao menor nível fixado para as funções permanentes, observada a tabela aplicável à cidade onde prestem os seus serviços.

Art. 20.º Terão um aumento mínimo de 50% (cinquenta por cento) os salários dos jornalistas que não sofrerem alteração, pela entrada em vigor desta lei.

Art. 21.º O salário por serviço feito depois das vinte e três horas terá aumento mínimo de trinta por cento (30%) sobre o constante da tabela.

Art. 22.º Correrão por conta da empresa todos os gastos extraordinários que o jornalista necessariamente fizer para dar cumprimento às incumbências de suas funções.

Parágrafo único. Será fornecido ao jornalista a primeira categoria de material necessário ao jornalista para dar cumprimento às incumbências de suas funções.

Art. 23.º Os benefícios concedidos pelas leis aos jornalistas estendem-se aos que exercem funções idênticas nos serviços públicos.

Art. 24.º A aplicação da presente lei não poderá ser motivo de redução de salário ou rebaixamento de categoria, nem prejudicar situações de direito adquirido.

Art. 25.º Os sindicatos dos jornalistas profissionais reconhecidos na respectiva base territorial, cooperando com as autoridades locais, poderão, para a fiscalização do cumprimento da lei, estabelecer, para o efeito, comissões de fiscalização, onde mais for necessário, para fiscalizar o cumprimento, pelo empregador, das disposições legais concernentes à atividade profissional dos seus associados.

Art. 26.º Os sindicatos terão o direito de reclamar, ex-offício, junto ao órgão competente a lesão de direitos de qualquer um dos seus associados.

Art. 27.º Poderão os sindicatos designar para os locais de trabalho comissões sindicais de fiscalização, as quais terão o direito de representação na fiscalização do cumprimento das leis, bem assim da observância dos preceitos da Constituição.

Art. 28.º Para a reestruturação dos quadros jornalísticos, através da revisão dos lançamentos ou declarações que constem da Carteira Profissional, ajustando-as à presente lei, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio designará Comissões Regionais, uma por Estado ou Território, compostas de um representante do Serviço de Estatística e Previdência do Trabalho, um do Sindicato dos Jornalistas Profissionais e um do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas, dentro de suas respectivas bases territoriais, sob a presidência do primeiro.

Art. 29.º Nos Estados ou Territórios onde não existirem os sindicatos mencionados no artigo anterior, a Comissão será integrada por dois elementos da imprensa local, de livre escolha do Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, sendo um representante dos empregadores e outro dos empregados, que, a menos se necessária, compete aos líderes da maioria ou da minoria, especialmente ao primeiro que, representante do Governo, é o mais autorizado para julgar preliminarmente, da oportunidade da publicação, no todo ou em parte do inquérito.

Art. 30.º Essas comissões terão mandato por um bimestre e o seu funcionamento será regulado por portaria do Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio.

Art. 31.º No caso de uma das partes não concordar com a decisão proferida pela Comissão de que estiver dependente poderá recorrer do ato, sem efeito suspensivo, dentro de 30 dias, para o Tribunal Superior do Trabalho.

Art. 32.º Cada três anos serão revistas as tabelas, apenas a esta lei pela Comissão, e que se refere ao art. 27 e com sede no Distrito Federal.

Art. 33.º A Comissão baseará a revisão sobretudo nos índices de aumento do custo de vida aprovados pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e relativos ao período abrangido.

Art. 34.º A Comissão elaborará as novas tabelas ouvindo as demais Comissões de Reestruturação.

Art. 35.º Cada três anos serão revistas as tabelas, apenas a esta lei pela Comissão, e que se refere ao art. 27 e com sede no Distrito Federal.

Art. 36.º A Comissão baseará a revisão sobretudo nos índices de aumento do custo de vida aprovados pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e relativos ao período abrangido.

Art. 37.º A Comissão elaborará as novas tabelas ouvindo as demais Comissões de Reestruturação.

Art. 38.º Cada três anos serão revistas as tabelas, apenas a esta lei pela Comissão, e que se refere ao art. 27 e com sede no Distrito Federal.

VOZES da cidade

INCIDENTE entre o vice-presidente da República e o governador da Bahia, no último passagem do sr. Café Fino pelo Estado, foi agravado por um episódio feito pelo sr. Café Fino, por intermédio de um dos seus secretários, para que o vice-presidente tomasse parte num jantar voltado no Pálio. Somente depois de quando a hora é que o sr. Café Fino compreendeu que o jantar era americano. Aí já era tarde.

SR. Jorge Mello Flores, ex-presidente da Comissão de Reajustamento dos Funcionários Públicos e diretor da Fundação Getúlio Vargas e Companhia Sul-America, está intimamente interessado no veto do presidente da República ao artigo 195, item VI, do Estatuto dos Funcionários Públicos, que permite ao funcionário o exercício de cargo de administração de empresa comercial.

PROFESSOR Henrique Rodo pagou dez mil cruzeiros pela sua concessão da Ordem Métrica e ficou muito satisfeito porque o professor Brandão Filho pagara dez mil cruzeiros.

As pessoas mais chegadas ao presidente da República consideram precaríssima a posição do sr. João Carlos Vital.

JOSE DO RIO

Sala "Alcindo Guanabara", 5 de novembro de 1952. — Getúlio Moura, Presidente. — Roberto Moreira, Relator. — Moura Resende. — Lopo Coelho.

Tabela para a primeira categoria — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador:

Redator 4.500,00
Repórter 4.000,00
Fotógrafo 3.500,00
Repórter fotográfico 3.000,00
Repórter de set 3.000,00
Radiotelegrafista ou telefonista 3.000,00
Revisor 3.000,00
Ilustrador ou desenhista 3.000,00
Arquivista 3.000,00

A MELHOR GARANTIA
Banco Financeiro do Brasil S.A.
RUA DO OUVIDOR Nº 69
CONTA CORRENTE POPULAR
Consultem nossos taxas

Não pedirá exame prévio para o inquérito do Banco

Moura Andrade não apresentará mais seu requerimento — Acha que a iniciativa compete aos líderes

DEPUTADO Moura Andrade não apresentará mais o anunciado requerimento pedindo que seja nomeada uma comissão de deputados para dar parecer sobre a oportunidade da publicação do inquérito do Banco do Brasil.

Anunciara-se que ele tomara essa medida visando a expurgar o documento das partes que representassem perigo para a economia nacional, com divulgação de dados levianos ou alarmistas.

Informa, agora, o deputado paulista que não tomara a iniciativa, pois acha que a medida se necessária, compete aos líderes da maioria ou da minoria, especialmente ao primeiro que, representante do Governo, é o mais autorizado para julgar preliminarmente, da oportunidade da publicação, no todo ou em parte do inquérito.

ESPERANDO JOSE BONIFACIO

A discussão do requerimento que pede a publicação do inquérito só será iniciada depois que o sr. José Bonifácio voltar de Minas, onde foi tomar parte nas eleições em vários municípios.

O sr. Nereu Ramos retirou o requerimento da pauta para que somente com a presença do sr. José Bonifácio fosse discutido e votado.

Posivelmente na próxima semana voltará o assunto a debate, com um novo pedido de preferência do deputado José Bonifácio.

A Associação Comercial do Rio de Janeiro tem o prazer de anunciar a realização, hoje, às 16 hs. — no 13.º and. — do Palácio Comercial, à Rua Candelária, n.º 9, a conferência que, a convite das classes produtoras, será proferida pelo sr. Lucas Garcez, sobre o tema "Planejamento".

Convidando, para assisti-la, representantes das classes produtoras, delegações dos Estados, o mundo oficial, e demais pessoas interessadas em ouvir, sobre tão palpitante problema, a palavra autorizada do chefe do governo paulista.

Fará a apresentação do governador de São Paulo às classes produtoras do país e sr. Carlos Brandão de Oliveira. Em nome da Associação Comercial, a anfitriã, o sr. Rui Gomes de Almeida.

Será Convocado o Congresso

Pelo Governo ou por iniciativa dos deputados — 16 de dezembro ou 15 de janeiro, a data ainda não fixada

A CONVOCAÇÃO do Congresso para reunião extraordinária está definitivamente assentada. Será feita pelo presidente da República ou por iniciativa do deputado Felix Valois, que redigirá requerimento neste sentido, caso necessário.

Nos anos anteriores, o deputado Valois tem sido o autor do requerimento de convocação. Este ano, em vista de estarem em andamento no Congresso projetos de grande interesse do governo, como a Petrobrás, o deputado Valois acredita que o presidente da República tome a iniciativa.

Também deve contribuir para isto a reforma administrativa, cujos projetos estão sendo redigidos e ainda não foram enviados à comissão interparlamentar, não sendo, portanto, possível, por isto, efetuar a sua votação até 15 de dezembro.

CONVERSOU COM VARGAS

O deputado Felix Valois ainda não tomou a iniciativa de convocar o Congresso, porque está certo de que o governo o fará. Conversou, a respeito, com o sr. Vargas, sugerindo-lhe, aliás, que a convocação fosse para 15 de janeiro, a fim de que os congressistas pudessem gozar as férias de Natal.

CONVOCAÇÃO PARA DEZEMBRO

Os círculos governamentais acreditam, entretanto, que se a convocação for para 15 de janeiro, a fim de que os congressistas pudessem gozar as férias de Natal.

75 por cento de imposto sobre lucros excessivos

Projeto de lei apresentado pelo deputado Aliomar Baleiro

Os lucros excessivos serão taxados com 25 a 75 por cento de imposto, segundo um projeto apresentado ontem na Câmara pelo deputado Aliomar Baleiro. O projeto é o seguinte:

"Art. 1.º — Fica instituído o imposto de renda sobre lucros excessivos para arrecadação nos exercícios em que sua arrecadação for autorizada pela lei do orçamento, nos termos do art. 141, § 24, da Constituição.

Art. 2.º — O imposto sobre lucros excessivos será exigido das pessoas jurídicas ou físicas, fundadas pelo Dec-lei n.º 5.844, de 23-9-1943, e obedecerá às regras dos arts. 4, 4 (quatro) a 11 (onze); 13 (treze), 17 (dezanove), 26 (vinte e seis) a 33 (trinta e três), do Dec-lei n.º 9.150, de 10-4-1946 e disposições desta lei.

Art. 3.º — Se a firma houver aumentado o capital, por incorporação de reservas ou reavaliação do ativo immobilizado, na forma do art. 96, § 2.º e 3.º do Regulamento do Imposto de Renda, alterado pela Lei 1.474, de 26-11-51, art. 1.º, os lucros excessivos, para os efeitos desta lei, serão os reais ou presumidos que ultrapassarem em 15% o capital social.

Art. 4.º — Aos lucros cuja importância for superior aos limites fixados, seja qual for o critério adotado dentro dos estabelecidos pelo art. 5, do Dec-lei 9.150, de 10-4-1946, ou pelo art. 3 desta lei, será aplicado o imposto sobre lucros excessivos na forma seguinte:

a) 25% sobre os que excederem aqueles limites até 15% dos mesmos;

b) 50% sobre o excesso de 15 até 50% sobre os limites referidos;

c) 75% sobre o que exceder de 50% dos limites.

Art. 5.º — Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, independentemente da regulamentação, para a qual, entretanto, fica autorizada o Presidente da República.

Art. 6.º — O imposto sobre lucros excessivos será exigido das pessoas jurídicas ou físicas, fundadas pelo Dec-lei n.º 5.844, de 23-9-1943, e obedecerá às regras dos arts. 4, 4 (quatro) a 11 (onze); 13 (treze), 17 (dezanove), 26 (vinte e seis) a 33 (trinta e três), do Dec-lei n.º 9.150, de 10-4-1946 e disposições desta lei.

Art. 7.º — Se a firma houver aumentado o capital, por incorporação de reservas ou reavaliação do ativo immobilizado, na forma do art. 96, § 2.º e 3.º do Regulamento do Imposto de Renda, alterado pela Lei 1.474, de 26-11-51, art. 1.º, os lucros excessivos, para os efeitos desta lei, serão os reais ou presumidos que ultrapassarem em 15% o capital social.

Art. 8.º — Aos lucros cuja importância for superior aos limites fixados, seja qual for o critério adotado dentro dos estabelecidos pelo art. 5, do Dec-lei 9.150, de 10-4-1946, ou pelo art. 3 desta lei, será aplicado o imposto sobre lucros excessivos na forma seguinte:

a) 25% sobre os que excederem aqueles limites até 15% dos mesmos;

b) 50% sobre o excesso de 15 até 50% sobre os limites referidos;

c) 75% sobre o que exceder de 50% dos limites.

Art. 9.º — Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, independentemente da regulamentação, para a qual, entretanto, fica autorizada o Presidente da República.

Art. 10.º — O imposto sobre lucros excessivos será exigido das pessoas jurídicas ou físicas, fundadas pelo Dec-lei n.º 5.844, de 23-9-1943, e obedecerá às regras dos arts. 4, 4 (quatro) a 11 (onze); 13 (treze), 17 (dezanove), 26 (vinte e seis) a 33 (trinta e três), do Dec-lei n.º 9.150, de 10-4-1946 e disposições desta lei.

Art. 11.º — Se a firma houver aumentado o capital, por incorporação de reservas ou reavaliação do ativo immobilizado, na forma do art. 96, § 2.º e 3.º do Regulamento do Imposto de Renda, alterado pela Lei 1.474, de 26-11-51, art. 1.º, os lucros excessivos, para os efeitos desta lei, serão os reais ou presumidos que ultrapassarem em 15% o capital social.

Art. 12.º — Aos lucros cuja importância for superior aos limites fixados, seja qual for o critério adotado dentro dos estabelecidos pelo art. 5, do Dec-lei 9.150, de 10-4-1946, ou pelo art. 3 desta lei, será aplicado o imposto sobre lucros excessivos na forma seguinte:

a) 25% sobre os que excederem aqueles limites até 15% dos mesmos;

b) 50% sobre o excesso de 15 até 50% sobre os limites referidos;

c) 75% sobre o que exceder de 50% dos limites.

Art. 13.º — Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, independentemente da regulamentação, para a qual, entretanto, fica autorizada o Presidente da República.

Art. 14.º — O imposto sobre lucros excessivos será exigido das pessoas jurídicas ou físicas, fundadas pelo Dec-lei n.º 5.844, de 23-9-1943, e obedecerá às regras dos arts. 4, 4 (quatro) a 11 (onze); 13 (treze), 17 (dezanove), 26 (vinte e seis) a 33 (trinta e três), do Dec-lei n.º 9.150, de 10-4-1946 e disposições desta lei.

Art. 15.º — Se a firma houver aumentado o capital, por incorporação de reservas ou reavaliação do ativo immobilizado, na forma do art. 96, § 2.º e 3.º do Regulamento do Imposto de Renda, alterado pela Lei 1.474, de 26-11-51, art. 1.º, os lucros excessivos, para os efeitos desta lei, serão os reais ou presumidos que ultrapassarem em 15% o capital social.

Art. 16.º — Aos lucros cuja importância for superior aos limites fixados, seja qual for o critério adotado dentro dos estabelecidos pelo art. 5, do Dec-lei 9.150, de 10-4-1946, ou pelo art. 3 desta lei, será aplicado o imposto sobre lucros excessivos na forma seguinte:

a) 25% sobre os que excederem aqueles limites até 15% dos mesmos;

b) 50% sobre o excesso de 15 até 50% sobre os limites referidos;

c) 75% sobre o que exceder de 50% dos limites.

Art. 17.º — Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, independentemente da regulamentação, para a qual, entretanto, fica autorizada o Presidente da República.

Art. 18.º — O imposto sobre lucros excessivos será exigido das pessoas jurídicas ou físicas, fundadas pelo Dec-lei n.º 5.844, de 23-9-1943, e obedecerá às regras dos arts. 4, 4 (quatro) a 11 (onze); 13 (treze), 17 (dezanove), 26 (vinte e seis) a 33 (trinta e três), do Dec-lei n.º 9.150, de 10-4-1946 e disposições desta lei.

Art. 19.º — Se a firma houver aumentado o capital, por incorporação de reservas ou reavaliação do ativo immobilizado, na forma do art. 96, § 2.º e 3.º do Regulamento do Imposto de Renda, alterado pela Lei 1.474, de 26-11-51, art. 1.º, os lucros excessivos, para os efeitos desta lei, serão os reais ou presumidos que ultrapassarem em 15% o capital social.

Art. 20.º — Aos lucros cuja importância for superior aos limites fixados, seja qual for o critério adotado dentro dos estabelecidos pelo art. 5, do Dec-lei 9.150, de 10-4-1946, ou pelo art. 3 desta lei, será aplicado o imposto sobre lucros excessivos na forma

A Violência e a Corrupção na Polícia

INTIMADO pelo delegado da Segurança Pública sr. José Picorelli a depor no processo movido pelo delegado Abelardo Luz e outros policiais contra o advogado Rolim, o diretor deste jornal enviou ontem o seu depoimento por escrito, nos seguintes termos:

Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1952.
Senhor Delegado.

De posse da intimação para depor como testemunha no processo movido por Abelardo Luz, delegado de polícia, e outros funcionários da Polícia acusados de participação na exploração do lenocínio, contra o advogado Hilário Rui Rolim, agredido pelo referido delegado, venho colocar-me à disposição de V. S. para prestar os esclarecimentos que desejar, sempre que não dependam do segredo profissional que é do meu dever resguardar.

A participação de funcionários da polícia no esbanjamento de presos, na exploração do jogo e do lenocínio é fato notório desde longa data.

Não seria crível que aquilo que toda a população conhece e sabe fosse do desconhecimento de V. S. ou de qualquer autoridade policial.

Várias tentativas têm sido feitas para expurgar da polícia os seus maus elementos. Algumas até com êxito.

Por exemplo, aquelas feitas ao tempo do general Etcheverry.

Mas o maior obstáculo a essa reabilitação da polícia tem sido a ação de autoridades que confundem a camaradagem com a cumplicidade.

A proteção dispensada por elementos da polícia aos crimes praticados dentro da própria polícia tem sido o principal fator da demoralização universal de uma instituição tão digna do maior respeito e acatamento. Base acumplicidade encoraja os erros e crimes.

O fato é que a população do Rio de Janeiro em vez de encarar a polícia como uma parte da polícia, que assim compromete o todo.

tor de ordem e de proteção considera-a, não sem certo exagero, causado pelo tempo feito de experiência, um foco de corrupção e de violência. Resulta esse conceito deprimente de mores e falta de respeito próprio com que elementos pessoalmente dignos e funcionalmente corretos da polícia toleram a convivência e até diria a promiscuidade com a ralé da criminalidade transformada em agente da ordem.

Uma investigação na vida de vários desses funcionários falsos demonstraria com a maior facilidade a evidência, certa, aos olhos do observador mais desatento: ao lado de homens probos e até mais pagos que mantêm com dignidade as responsabilidades de sua função, autoridades existem que ostentam um padrão de vida muitíssimo inferior aos seus vencimentos normais.

Tais autoridades nunca poderiam explicar a origem dos seus automóveis, do luxo desordenado em que vivem, das facilidades que fruem, em comparação com seus colegas e com os trabalhadores em geral que percebem salário equivalente.

Sendo como é pública e notória esta situação, também não é menos conhecido o fato de que a polícia se tem conformado com ela. A prática da violência e a participação no jogo e no lenocínio são realidades que nenhum inquérito, por mais que se torça e retorça, poderá abafar. Tanto mais quando vemos a polícia interessada em perseguir quem diz e que todos pensam, vêem e sabem; mas completamente desinteressada de se livrar dos seus maus elementos.

No que se refere à participação de autoridades na exploração do jogo, numerosas têm sido as provas produzidas em juízo e fora dele.

Com o seu longo tirocinio na carreira policial o senhor mesmo poderia depor nesse sentido se quisesse dizer o que sabe acerca da corrupção, de que não participa mas que não ignora.

Os esbanjamentos e sevilas são feitos quase diariamente.

O próprio delegado que preside o inquérito contra o colega Abelardo Luz é acusado oficialmente por dois juizes de matar à justiça prestando informações falsas e de manter preso sem culpa formada, sonhando-o à ação dos magistrados.

A esse delegado entrega o chefe de Polícia o inquérito contra outro delegado. E isto somente depois da intervenção do ministro Negrão de Lima; pois, antes, o que ele fez foi encorajar o criminoso com uma declaração lamentável divulgada na imprensa e no rádio.

Por sua vez o delegado Abelardo Luz, que se mostrava orgulhoso do crime praticado e proclamou a sua culpa como um título de honra, enquanto estava certo da impunidade, ao ver que o ministro da Justiça se dispunha a promover a sua punição, encaminha agora, com a benevolência participativa de várias autoridades, uma farsa judiciária na qual remota autoridades policiais e senhores do foro promovem o processo desses criminosos de mão em mão, como uma batata quente, o que demoraliza ao mesmo tempo o ministro da Justiça e a própria Justiça.

Como ia lhe dizendo neste depoimento, é mais do que notório, é até proverbial a participação de elementos da polícia na exploração do jogo, na prática da violência e na sociedade com o lenocínio.

Diffícil seria dizer qual mais revoltante. Mas a participação no lenocínio se agrava pela insistência com que a polícia, já mobilizando a ingenuidade do próprio general Ciro de Resende, se bate pela regulamentação do vício, isto é, pela associação do Estado com os criminosos e contraventores.

E isto se prega, no caso do lenocínio, sob a capta de moralização dos costumes e da "defesa" da família.

Foi no momento em que elementos da polícia participavam abertamente da campanha de um jornal infestado de comunicações e sustentado com o dinheiro do Banco do Brasil, pela oficialização do lenocínio, que se pretendia preservar a honra das famílias de Copacabana, que a TRIBUNA DA IMPRENSA soube da existência de um "dossiê" contendo documentos do próprio punho de duas dessas criaturas tão conhecidas da polícia, associadas na exploração do infame comércio.

O fato chegou ao nosso conhecimento através de um repto feito pelo delegado de Costumes, sr. Cícero Brasileiro de Melo, ao advogado Hilário Rui Rolim para que provasse aquilo que toda gente sabe, mas que dificilmente deixa vestígios em documento escrito: a participação de elementos da polícia na exploração do lenocínio.

O advogado Hilário Rui Rolim procurou, então, pedindo que não deixássemos de publicar os documentos, pois a polícia já sabia da existência desses "dossiês". E ele recebia diariamente ameaças à sua vida.

Tais ameaças eram dadas ou por intermédio de sua velha mãe, que era chamada ao telefone, constantemente, por elementos que se diziam da polícia, ameaçando de represálias o advogado, tanto físicas quanto morais, caso ele se atrevesse a divulgar a documentação. A sua única certeza de escapar a tais ameaças estaria em que a opinião pública e as autoridades superiores tomassem conhecimento pelo jornal da gravidade da sua denúncia comprovada. Só assim estaria protegido.

Neste sentido, quero lhe dar um depoimento: nos dias em que a TRIBUNA DA IMPRENSA divulgou essa documentação, também o nosso telefone, inclusive o da casa de minha família, inclusive o da casa de minha mãe, foi constantemente ocupado por elementos que se diziam da polícia para proferir suas ameaças.

Quanto ao senhor, nem todas as ameaças não eram tolas, tem o senhor a prova na agressão covarde do delegado Abelardo Luz contra o advogado Hilário Rui Rolim.

Nada lhe pode dizer sobre os antecedentes do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás não estão em causa. Também não me preocupam os do delegado agressor, cuja impunidade se prepara ao mesmo tempo que se trata de desviar a atenção de V. S. e do Governo da corrupção da polícia para as qualidades e defeitos do sr. Rolim.

Sómente o propósito de baralhar os fatos, de transformar em criminoso a vítima e, sobretudo, de atrair a atenção de V. S. e do Governo para a corrupção da polícia, me preocupa.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

E' claro que, tanto mais abjeta fosse a sua conduta, mais categorizado estaria ele para depor sobre os segredos de um comércio abjeto, num mundo de abjeção. Pasmara, portanto, ver a polícia empenhada em demoralizar o denunciante, sem cuidar que tanto mais o demoraliza mais o qualifica para a denúncia.

Deve o senhor, portanto, a opinião pública pela comédia que se está apresentando neste e no outro inquérito, poderia conduzir a autoridade policial a uma cômica preocupação com a vida progressiva do advogado Hilário Rui Rolim, que aliás participou intimamente do comércio de sua constituinte e isto ainda mais incrimina os sócios policiais.

Milhões contra o mil

(Desenho de HILDO)



VEJO que preciso cuidar

de muitas destas minhas pobres crônicas, apesar da palavra e cada sentimento. O leitor que me escreve hoje tem mais de setenta anos. "Sou um velho caudilho, de mais de setenta anos", diz ele, e de repente me sinto grávido e receio que um descuido meu vá um dia ferir um coração de velho. Não, não oculte a minha amargura diante das injustiças do mundo, minha pena pelo sofrimento dos pobres, e a tudo o que é humano, alegria ou dor, continuei a não me julgar alheio, que eu também sou homem, como lá dizia o romano. Mas de impurezas hei-de limpar-me, e curarei que a insensatez e uma certa nostalgia do irrealizado demorem o menos possível no que escreva.

Volto, porém, ao velho caudilho. Ele me recorda o célebre caso de André Rebouças, a propósito da proibição do Botafogo de negro participar de festa no Clube, porque (como veio no jornal) o presidente acha que negro não é gente. E me conta que Rebouças estava em 1887 num baile da Corte, impedido na sua casa de engenheiro e professor, mas moço nenhuma dançava com ele. Veio então a Princesa (mas preciso escrever o nome se, quando se fala de Princesa, só há uma, a "loura mãe dos cativos", Isabel?) veio então a Princesa e deu a mão a Rebouças para a valsa. Dançaram várias vezes, o grande

A princesa e o preto

preto e a Regente libertadora. "As damas do Império, então presentes, narra a carta, não deixaram mais o dr. André Rebouças descansar. Foi um Deus não acudia, teve que mudar várias vezes o seu colarinho; a casaca impecável que então usava ficou inteiramente ensopada de suor".

Perdoe o meu correspondente, mas o fato é contestado por alguém que devia saber. Pelo próprio Rebouças (que aliás não era preto retinto: mulato fechado, escreve Koseritz, que, sendo alemão de nascimento, devia pender para o pessimismo nessas coisas de raça). Pois a lenda já corria em vida daquele homem singular; e um jornal da província escreveu-lhe: "E' verdade que V. S. dançou com a Princesa Isabel, por intervenção do Imperador e em desagravo à maneira descortês com que lhe trataram as outras damas presentes à festa?" A resposta de André Rebouças foi esta:

"A pessoa que informou V. S. não foi exata. Tinha já estado em sarau anteriores aquele que tive a

honra de dançar com S. A. Imperial e neles dançara com senhoras de primeira nobreza desta Corte, notavelmente com a sra. Viscondessa de Lajes. Peço pois a V. S., encarecidamente, que não publique esse artigo, por um milhar de razões inconvenientes."

A carta de Rebouças destrói o pitoresco da lenda. Por mais discreto que fosse aquele extraordinário brasileiro, não era homem de falar à verdade. Repare o meu correspondente que Rebouças não nega que estivesse no baile e tivesse dançado com a Princesa, e só nesse baile, pois se refere ao sarau um só — em que com ela dançou. E que não eram muitas as senhoras de primeira nobreza que com ele dançavam, pois de todas apenas se lembrava de um nome, o da Viscondessa de Lajes.

E acrescentarei esta observação, que há muito anda comigo: esse episódio, as cores com que é contado, não prova o contrário do que se pretende, que o preconceito de cor sempre existiu neste país? Pois da única vez que uma Princesa dançou com um preto (e esse preto era rico, era sábio, era elegante e belo, era alto e delicado) todo o Brasil tomou conhecimento disso e inventou uma história para contar...

Mas por que há-de o Botafogo de Futebol e Regatas, no tempo da bomba atômica, ser mais metido a nobre do que a Princesa do século XIX?

ODYLO COSTA, filho

via saber. Pelo próprio Rebouças (que aliás não era preto retinto: mulato fechado, escreve Koseritz, que, sendo alemão de nascimento, devia pender para o pessimismo nessas coisas de raça). Pois a lenda já corria em vida daquele homem singular; e um jornal da província escreveu-lhe: "E' verdade que V. S. dançou com a Princesa Isabel, por intervenção do Imperador e em desagravo à maneira descortês com que lhe trataram as outras damas presentes à festa?" A resposta de André Rebouças foi esta:

"A pessoa que informou V. S. não foi exata. Tinha já estado em sarau anteriores aquele que tive a

honra de dançar com S. A. Imperial e neles dançara com senhoras de primeira nobreza desta Corte, notavelmente com a sra. Viscondessa de Lajes. Peço pois a V. S., encarecidamente, que não publique esse artigo, por um milhar de razões inconvenientes."

A carta de Rebouças destrói o pitoresco da lenda. Por mais discreto que fosse aquele extraordinário brasileiro, não era homem de falar à verdade. Repare o meu correspondente que Rebouças não nega que estivesse no baile e tivesse dançado com a Princesa, e só nesse baile, pois se refere ao sarau um só — em que com ela dançou. E que não eram muitas as senhoras de primeira nobreza que com ele dançavam, pois de todas apenas se lembrava de um nome, o da Viscondessa de Lajes.

E acrescentarei esta observação, que há muito anda comigo: esse episódio, as cores com que é contado, não prova o contrário do que se pretende, que o preconceito de cor sempre existiu neste país? Pois da única vez que uma Princesa dançou com um preto (e esse preto era rico, era sábio, era elegante e belo, era alto e delicado) todo o Brasil tomou conhecimento disso e inventou uma história para contar...

Mas por que há-de o Botafogo de Futebol e Regatas, no tempo da bomba atômica, ser mais metido a nobre do que a Princesa do século XIX?

"A pessoa que informou V. S. não foi exata. Tinha já estado em sarau anteriores aquele que tive a

honra de dançar com S. A. Imperial e neles dançara com senhoras de primeira nobreza desta Corte, notavelmente com a sra. Viscondessa de Lajes. Peço pois a V. S., encarecidamente, que não publique esse artigo, por um milhar de razões inconvenientes."

A carta de Rebouças destrói o pitoresco da lenda. Por mais discreto que fosse aquele extraordinário brasileiro, não era homem de falar à verdade. Repare o meu correspondente que Rebouças não nega que estivesse no baile e tivesse dançado com a Princesa, e só nesse baile, pois se refere ao sarau um só — em que com ela dançou. E que não eram muitas as senhoras de primeira nobreza que com ele dançavam, pois de todas apenas se lembrava de um nome, o da Viscondessa de Lajes.

E acrescentarei esta observação, que há muito anda comigo: esse episódio, as cores com que é contado, não prova o contrário do que se pretende, que o preconceito de cor sempre existiu neste país? Pois da única vez que uma Princesa dançou com um preto (e esse preto era rico, era sábio, era elegante e belo, era alto e delicado) todo o Brasil tomou conhecimento disso e inventou uma história para contar...

Mas por que há-de o Botafogo de Futebol e Regatas, no tempo da bomba atômica, ser mais metido a nobre do que a Princesa do século XIX?

"A pessoa que informou V. S. não foi exata. Tinha já estado em sarau anteriores aquele que tive a

honra de dançar com S. A. Imperial e neles dançara com senhoras de primeira nobreza desta Corte, notavelmente com a sra. Viscondessa de Lajes. Peço pois a V. S., encarecidamente, que não publique esse artigo, por um milhar de razões inconvenientes."

A carta de Rebouças destrói o pitoresco da lenda. Por mais discreto que fosse aquele extraordinário brasileiro, não era homem de falar à verdade. Repare o meu correspondente que Rebouças não nega que estivesse no baile e tivesse dançado com a Princesa, e só nesse baile, pois se refere ao sarau um só — em que com ela dançou. E que não eram muitas as senhoras de primeira nobreza que com ele dançavam, pois de todas apenas se lembrava de um nome, o da Viscondessa de Lajes.

E acrescentarei esta observação, que há muito anda comigo: esse episódio, as cores com que é contado, não prova o contrário do que se pretende, que o preconceito de cor sempre existiu neste país? Pois da única vez que uma Princesa dançou com um preto (e esse preto era rico, era sábio, era elegante e belo, era alto e delicado) todo o Brasil tomou conhecimento disso e inventou uma história para contar...

Mas por que há-de o Botafogo de Futebol e Regatas, no tempo da bomba atômica, ser mais metido a nobre do que a Princesa do século XIX?

"A pessoa que informou V. S. não foi exata. Tinha já estado em sarau anteriores aquele que tive a

honra de dançar com S. A. Imperial e neles dançara com senhoras de primeira nobreza desta Corte, notavelmente com a sra. Viscondessa de Lajes. Peço pois a V. S., encarecidamente, que não publique esse artigo, por um milhar de razões inconvenientes."

Educação rural e ensino agrícola

O sr. João Cleofas está reivindicando para o seu ministério ou para o já famoso, apesar de não criado, Serviço Social Rural, a tarefa de ministrar a educação rural no interior do país. Em carta escrita ao sr. Simões Filho e amplamente divulgada pela imprensa, ele diz que faz isso baseado na Lei Orgânica do Ensino Agrícola.

Educação rural é todo ensino escolar e extra-escolar ministrado em áreas agrícolas. Quanto a ensino agrícola, segundo o artigo 1.º da Lei Orgânica, é "o ramo do ensino, até o segundo grau, destinado essencialmente à preparação profissional dos trabalhadores da agricultura". O sr. João Cleofas ainda não percebeu que o ensino agrícola é apenas uma parte da educação rural.

Dizendo que ao seu ministério cabe "papel destacado na difusão de técnicas e processos educativos visando a melhorar os métodos de trabalho e as condições de vida das populações do interior", o sr. Cleofas pergunta: — "Será que esta também é a tarefa do Ministério da Educação?"

Ora, esta não é também a tarefa do Ministério da Educação? É uma das muitas que lhe cabem. Só temos a lamentar que ele passasse tanto tempo sem se aperceber disso, num país em que 66% da população vive no meio rural. Tirar ao Ministério da Educação a tarefa de ministrar a educação no meio rural é querer limitar as suas atividades aos centros urbanos.

Que o ensino agrícola fique com o Ministério da Agricultura, pois isto é o certo. O Ministério da Educação, porém, deve tratar da educação, seja ela superior ou fundamental, urbana ou rural.

Garcez e Vital

ENQUANTO o caso do projeto 1.000 empolga a opinião pública, as classes produtoras locais, que lideram esse movimento contra a maioria da Câmara dos Vereadores, decidem homenagear o governador Lucas Nogueira Garcez.

É este, que veio ao Rio especialmente para assistir à posse do novo presidente da Confederação Nacional do Comércio, vai ser recebido hoje pela Associação Comercial do Rio de Janeiro e pela Federação das Associações Comerciais do Brasil.

Por que essa homenagem? Em primeiro lugar, porque o comércio nacional, e particularmente o carioca, vê no sr. Garcez um administrador que dá particular atenção à iniciativa privada e aos problemas econômicos e financeiros.

Em segundo lugar, porque, para mobilizar os bilhões de cruzados necessários ao IV Centenário de S. Paulo, levantou um empréstimo espontâneo, através das apólices "centenário".

Em terceiro lugar, porque é um engenheiro, um técnico, tanto assim que na tarde de hoje vai dar aos comerciantes uma lição sobre "Planificação".

A homenagem é prestada no momento em que outro engenheiro, o técnico João Carlos Vital, constitui preocupação cotidiana das classes produtoras. Como Garcez, o prefeito Vital tenta fazer um empréstimo popular. Mas acontece que é compulsório...

Assim, a homenagem de hoje ao governador paulista não deixa de ser uma maliciosa e velada maneira de as classes produtoras dizerem que não basta ser um técnico e um administrador probo.

Além dessas qualidades, compete ao administrador poder, à semelhança dos homens de comércio e indústria, levantar capitais espontaneamente, fazer empréstimos que não tragam a cláusula de obrigatoriedade.

VARIEDADES

A POPULAÇÃO dos Estados Unidos atingiu, ontem, 158 milhões de habitantes, correspondendo a um aumento de 7.400.000 pessoas, depois de 1.º de abril de 1950. Essa estatística é feita com base nos dados enviados regularmente de todas as regiões dos Estados Unidos para o Bureau of Census. (APF)

AUGA da estação turística de verão, nas Antilhas, ocorreu em agosto último, quando a Pan American World Airways, que seria a toda aquela região, transportou 1.014 "records" de 36.675 pessoas.



O "connoisseur"

A HILDE e o Mário Pedrosa vinham outro dia para a nossa redação, passando pela rua Evaristo da Veiga. Estava frio, ventava e caía uma chuva fina. Hilde e Mário passavam por um botiquim chamado "A Capelinha dos Arcos" quando tiveram a ideia de parar e tomar uma "batida" para esquentar.

Dentro do botiquim, que é pequeno e só tem uma porta, há um quadro pendurado na parede. Pintado por um artista popular, o quadro mostra os Arcos, com o bonde de Santa Teresa passando por cima. Mário e Hilde assinalaram uma série de erros no quadro mas, mesmo assim, gostaram. Talvez fosse a hora, talvez a "batida", mas o fato é que gostaram.

Foi quando o dono da "Capelinha", reparando que eles estavam interessados, comentou, enquanto lavava um copo:

— "A melhor coisa desse quadro são os erros de perspectiva".

De Recife à Coréia

A CRUZEIRO do Sul mantinha na linha Rio-Recife dois aviões DC-4. Durante 4 anos esses aviões viajaram sem acidentes, transportando passageiros. Faz pouco tempo, o serviço dos DC-4 foi suspenso.

No lugar dos dois aviões, a Cruzeiro vai por em breve 4 aparelhos "Convair", de motores muito potentes, mais velozes do que os DC-4 e que podem, sofrendo uma adaptação, se transformar em aviões a jato. O curioso da história é que os DC-4 foram dados em pagamento, junto com uma vultosa soma em dinheiro, à empresa

que vendeu os "Convair" à Cruzeiro. Os técnicos da empresa ficaram muito surpresos com o estado de conservação dos DC-4 e elogiaram o pessoal especializado da Cruzeiro. E, muito inteligentemente, os diretores da empresa revereram os aviões ao Comando de Transportes da Força Aérea Americana.

Os dois DC-4 que faziam a linha Rio-Recife estão atualmente servindo na frente da Coreia, no transporte de homens e equipamento.

A rima

SE há alguma coisa, além de futebol, em que todo mundo fale atualmente no Rio, é no projeto 1.000. Até as crianças sabem que ele existe, pelo menos em projeto.

O filho do sr. Brunet de Castro, por exemplo, voltou da Escola Duque de Caxias, contando a seguinte história:

Ele tem um colega chamado Murilo, de 10 anos de idade. A professora, há algum tempo, mandou os alunos procurarem uma rima para o seguinte verso:

— "Este vasto céu de anil".

E, Murilo, saltando entusiasmado:

— "E o bérco do projeto Mil".

A bola mágica

DIANTE do Café Nice, um camêlo fazia demonstrações com uma bola que tinha um furo no centro por onde passava um cordão.

— "E mágica, meus senhores", dizia ele — "a mais pura magia branca, a minha especialidade. A um simples toque, esta bola deixará de correr pelo cordão, mesmo que eu o volte para baixo e contrariar a mais potente das forças universais — a gravidade".

— "Bastará uma simples palavra e a bola estagnará na parte de cima do cordão. E, este estará voltado para baixo, meus senhores. Este passe mágico foi dado pela primeira vez por um famoso ilusionista francês. E, virando o cordão, faze com que a bola ficasse parada no meio do caminho".

— "Agora, meus senhores, ela vai descer. Bastam três palavras mágicas: Bolat, delatê, descê!".

A bola desceu lentamente. Um dos presentes, então disse: "Em que língua você está falando".

E, o camêlo, com ar ofendido:

— "Cavalheiro, o senhor não entende francês?".

Sobre "A Descristianização do Mundo"

Falou ontem Frei Secondi — A ausência do Cristianismo manifesta-se nos intelectuais e nas massas populares — A camada intermediária contenta-se em conservar — A falta de Deus no mundo acarreta a falta de respeito pela lei — Uma fé cristã bem enraizada impregna toda a atividade humana



Frei Pedro Secondi, no momento em que fazia a sua conferência, no auditório do Ministério da Educação

COUBE a Frei Pedro Secondi falar sobre "A descristianização do mundo e suas consequências", ontem, no auditório do Ministério da Educação, em prosseguimento da série de conferências promovidas pela JICP da paróquia de S. José.

DUAS ESFERAS — "Falar do assunto não é tão fácil", declarou o conferencista, — "também, o embaixador acompanha um pouco o problema".

Notas Diplomáticas

REGRESSAM hoje ao Chile o embaixador dr. Osvaldo Vial e sua mulher, que, depois de 5 anos de permanência em nosso país, findam a missão que tão bem desempenharam. O casal de diplomatas tem sido alvo de várias manifestações de apreço, por parte do governo, do corpo diplomático e da sociedade brasileira.

O dr. Osvaldo Vial acumulou com o cargo de embaixador, as funções de representante do seu país na Comissão Jurídica Interamericana, no seio da qual sempre se mostrou jurista culto e brilhante.

O embaixador da Argentina, dr. Juan Cooke, reuniu, terça-feira última, os membros do corpo diplomático, representantes do governo brasileiro, amigos e admiradores do embaixador Vial, em um jantar, a que estiveram presentes, também, o embaixador mental Brandão, ministro das Relações Exteriores e embaixador Raul Fernandes, ex-titular desta pasta.

Foi oferecida ao embaixador Vial uma rica lembrança.

Escola Nun'Alvares

Pereira

REALIZA-SE amanhã, às 9 horas, na Igreja de S. Pedro, na Avenida Paulo de Frontin, missa solene em homenagem ao 1.º aniversário dos alunos da Escola Nun'Alvares Pereira.

FALECIMENTOS

SERÁ sepultada, hoje, às 15 horas, no cemitério de São João Batista, saindo o corpo da capela Real Grandeza, a sra. Mercedes Boeschstein Ferraz. Deixa filhos e netos: sra. Francisco Ferraz, Elza Tenório Ferraz, viúva Ferraz Filho e filhos, Elzira Ferraz Rangel, Maria Ferraz Rangel, Maria de Lourdes Ferraz, Maria Auxiliadora Ferraz; era irmã do sr. Floriano Boeschstein.

Faleceu nesta capital, o general Paulo Pinto da Silva Vilela, cujo sepultamento realizou-se ontem, às 17 horas, tendo saído da capela mortuária da Glória, no Largo do Machado.

Foi enterrado, ontem, às 17 horas, no cemitério de São Francisco Xavier, de cuja capela saiu o feretro, o tenente-coronel Laurênio de Azevedo.

Faleceu, nesta capital, o sr. Augusto do Rego Barros Martins, cujo sepultamento efetuou-se, ontem, no cemitério de São Francisco Xavier, de cuja capela saiu o corpo.

Faleceu no Sanatório Rio de Janeiro, onde se achava internado, o sr. João Ferreira de Souza que era casado e residia à rua Duque de Bragança 22 apt. 20. Seu enterro será efetuado, hoje, às 17.30, no cemitério de São João Batista.

ESQUEL TELLES — Faleceu ontem, o sr. Esquel Telles, funcionário aposentado da Alfândega do Rio de Janeiro. O extinto era um dos mais antigos servidores daquela Repartição do Ministério da Fazenda, onde, pela sua bondade e zelo funcional, era bastante estimado.

O sr. Esquel Telles era viúvo de sra. Jarbela Dantas Telles, e deixa duas filhas casadas, dona Dilma, casada com o sr. Homero Neves de Medeiros e dona Jacira Telles Ceciliano, casada com o industrial Reinaldo Ceciliano, além de inúmeros netos.

"In Memoriam" — TRANSCORRENDO amanhã, dia 8, o 5.º aniversário do falecimento da sra. Lybia de Mello e Souza Guimarães, esposa do jornalista Octávio Guimarães e mãe da sra. Juracy de Mello e Souza Guimarães, funcionária do Ministério da Viação e Obras Públicas, será rezada missa por intenção de sua alma, às 10 horas, no altar-mor da Igreja da Santa Cruz dos Militares, à rua 1.ª de Março.



ONTEM, na Sociedade de Cultura Inglesa, o sr. Andrew Marshall, correspondente do "London Times" e do "Financial Times", pronunciou uma conferência sobre jornalismo, intitulada "Let's Talk News". No clichê, o conferencista no momento em que falava

que nasceu: Ate Cristianismo médio constitui, infelizmente, a massa média do catolicismo atual. O Cristianismo falta, pois, no mundo moderno, isto é, no nosso mundo. Muitos o consideram só como uma prática exterior, como certos gestos de família, de tradição; vão à igreja na Semana Santa, não comem carne na Sexta-feira da Paixão, visitam os mortos no dia de Finados, constituindo uma massa de católicos anônimos.

Outros consideram o Cristianismo como uma instituição respeitável, porém destituída agora de importância; cristãos desta ordem existem, mas não vivem.

CONSEQUÊNCIAS

As consequências dessa descristianização não são difíceis de estabelecer: é fato de não ter mais um Deus que seja vital, corta um ser de sua origem e de seu fim; não há mais continuidade, por que então praticá-lo? A chegada, e a vida não vale mais nada.

Paul Sartre que disse: "L'homme vit sans raison, se prolonge par hasard et meurt sans le savoir". Se o homem viver assim cortado de sua origem, sua vida torna-se irracional.

Outra consequência da falta de religião é o completo divórcio entre o homem e o ideal, o homem e a moral; não acreditando mais na causa que representa o bem e que val sancionar a prática desta, por que então praticá-la?

Dirão que a alguns basta o sentimento da honra, mas essas coisas são excepcionais.

A falta de Deus no mundo acarreta uma falta de respeito total pela lei; se Ele não existe, por que não dar rédea aos instintos?

Uma moral, independentemente de uma simples metafísica, não pode se sustentar a uma que não se suspende a ordem das coisas, não pode perdurar.

ASPECTOS POSITIVOS

Paradoxalmente, uma consequência da descristianização é o fortalecimento do Cristianismo, que nunca se torna tão vivo quanto nos países de onde é eliminado; o abandono de Deus pelo mundo é aproveitado para fazê-lo irradiar.

Instintivamente, todo o mundo está disposto a ser bom; mesmo os ateístas têm raiva de não ver o catolicismo existir com toda a sua vitalidade.

O ateísmo, afinal de contas, não faz tanta diferença da fé, não acredita em alguma coisa, aquela acredita que não crê.

O homem que repele o catolicismo orienta-se por instinto para qualquer mistério que dê vazão à sua ansia de religião; a atração por certas crenças prova apenas a sede de verdade profundamente natural.

A VERDADEIRA FÉ CRISTÃ

Uma fé cristã bem enraizada não deixa disponibilidade para a atração de certas religiões. Ela é um tesouro não só para a vida eterna, mas também para a terrena, e uma doutrina que impregna toda a atividade, muda toda a perspectiva humana. Não é só uma atitude exterior, é preciso que seja interna para ter valor.

A religião é uma conquista cotidiana, tal qual o amor; uma vitória sobre nós mesmos e não uma instalação.

"Não se nasce cristão; torna-se cristão, e o homem nunca acaba de tornar um cristão verdadeiro".

BERTRAND FLORNOY NA A.B.I.

DE volta de sua quinta viagem às regiões fronteiriças comuns ao Brasil, Peru e Colúmbia, situadas entre o Amazonas e o rio Putumayo, o sr. Bertrand Flornoy, presidente da Sociedade dos Exploradores Franceses, deu, ontem, uma entrevista coletiva à imprensa carioca, esclarecendo minuciosamente, questões sobre as nascentes do Rio Amazonas.

O explorador francês, é também membro do Explorer Club, de Nova York, da Sociedade dos Exploradores de Paris, das Sociedades de Geografia de Paris e de Lima. Vem, desde 1938, realizando expedições no Alto Amazonas, em missão do Museu do Homem de Paris e da Organização Coordenadora da Heliá Amazonica do Peru.

Desde então, ora em estudos sociológicos, ora em estudo da evolução cultural dos índios, chefe de expedições em missões franco-peruanas, obtendo assim diversos prêmios, como a Medalha de Ouro "Bouquet de la Presse", e a Medalha de Ouro "Creveaux", da Sociedade de Geografia Comercial, e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.

Visitou o Rio Amazonas, das nascentes à embocadura (1941), e Grande Prêmio "Raimond", da Sociedade de Geografia de Lima.



e colaborações em revistas francesas. Sobre a missão do Museu de História Natural, em 1947, existem 4 filmes documentários. Seu último trabalho, ainda em preparação, é "As ruínas do alto Marañon" (estudo).

— Deputado Aral Moreira — Faleceu, ontem, no Hospital dos Servidores do Estado, o deputado Aral Moreira, natural de Mato Grosso, do qual era representante na Câmara Federal desde 1950.

Nasceu em Aquidauana em 1898, tendo feito ali, seus primeiros estudos, completados nesta capital, onde foi aluno de Pedro II, bacharelado-se pela nossa Faculdade de Direito. Regressando a Mato Grosso, dedicou-se à cultura da soja, sendo atualmente, presidente da Federação do Mate de Mato Grosso.

Deixa viúva a sra. Eronides Salomão Moreira, e um filho, Eraldo Moreira. Seu sepultamento foi realizado, hoje, às 10 horas, no cemitério de São João Batista, tendo saído da capela Real Grandeza.

Faleceu no Sanatório Rio de Janeiro, onde se achava internado, o sr. João Ferreira de Souza que era casado e residia à rua Duque de Bragança 22 apt. 20. Seu enterro será efetuado, hoje, às 17.30, no cemitério de São João Batista.

ESQUEL TELLES — Faleceu ontem, o sr. Esquel Telles, funcionário aposentado da Alfândega do Rio de Janeiro. O extinto era um dos mais antigos servidores daquela Repartição do Ministério da Fazenda, onde, pela sua bondade e zelo funcional, era bastante estimado.

O sr. Esquel Telles era viúvo de sra. Jarbela Dantas Telles, e deixa duas filhas casadas, dona Dilma, casada com o sr. Homero Neves de Medeiros e dona Jacira Telles Ceciliano, casada com o industrial Reinaldo Ceciliano, além de inúmeros netos.

"In Memoriam" — TRANSCORRENDO amanhã, dia 8, o 5.º aniversário do falecimento da sra. Lybia de Mello e Souza Guimarães, esposa do jornalista Octávio Guimarães e mãe da sra. Juracy de Mello e Souza Guimarães, funcionária do Ministério da Viação e Obras Públicas, será rezada missa por intenção de sua alma, às 10 horas, no altar-mor da Igreja da Santa Cruz dos Militares, à rua 1.ª de Março.



ONTEM, na Sociedade de Cultura Inglesa, o sr. Andrew Marshall, correspondente do "London Times" e do "Financial Times", pronunciou uma conferência sobre jornalismo, intitulada "Let's Talk News". No clichê, o conferencista no momento em que falava

que nasceu: Ate Cristianismo médio constitui, infelizmente, a massa média do catolicismo atual. O Cristianismo falta, pois, no mundo moderno, isto é, no nosso mundo. Muitos o consideram só como uma prática exterior, como certos gestos de família, de tradição; vão à igreja na Semana Santa, não comem carne na Sexta-feira da Paixão, visitam os mortos no dia de Finados, constituindo uma massa de católicos anônimos.

Outros consideram o Cristianismo como uma instituição respeitável, porém destituída agora de importância; cristãos desta ordem existem, mas não vivem.

As consequências dessa descristianização não são difíceis de estabelecer: é fato de não ter mais um Deus que seja vital, corta um ser de sua origem e de seu fim; não há mais continuidade, por que então praticá-lo? A chegada, e a vida não vale mais nada.

Paul Sartre que disse: "L'homme vit sans raison, se prolonge par hasard et meurt sans le savoir". Se o homem viver assim cortado de sua origem, sua vida torna-se irracional.



COMPLETOU TRES ANOS A FILIAL DA JOSE SILVA — A filial da Casa José Silva, no Atier, completou três anos ontem. Como parte do programa de comemorações, os funcionários ofereceram um bolo de aniversário aos diretores da firma. Presente o sr. Souza Lemos, diretor. No clichê, um aspecto da reunião, com diretores e empregados confraternizados

ANIVERSÁRIOS

FAZEM anos hoje — Senhores: General Teles Azevedo Vilas Boas, almirante Guilherme Riecken, general Delmiro Pereira de Almeida, coronel Aurélio de Lira Tavares, Arl Barroso, Francisco Pessoa de Queiroz, Celso José Rabelo, Hamilton de Souza, Lucio Damasco de Carvalho, Hugo Joaquim de Lima Corrêa, Roberto Gomes Perle Filho, Dario de Campos Braga, Oscar Correia dos Santos, Paulo Pires, Durvalino Ribeiro, Sandoval Montenegro, Alvaro Lourenço Jorez, João Antonio Nepomuceno Junior, Saralva Ribeiro, capitão Eduardo Henrique Elery, sr. David Simon, Joaquim Silveira, dr. Nelson Schuster, Almirante Pascoal Rocha, Jorge Salomão Filho, comerciante, residente em Minas Gerais.

— Senhoras: Maria Candida Dias Ferreira, Idaline Botelho Souza Dantas, Maria Cerqueira da Silva, Odila Pereira da Silva, Edite Leite Furtado de Mendonça, Vanda Chaves de Carvalho, Alo-

coelho, Clara d'Alessandra, Senhores: Maria Eugénia Toledo Andrade, Jacira Goldschmidt Rocha, Heróides Cabral Santana, Ieda Novais Guimarães, Nesses Avelina Rangel, Crisôstomo, Heitor Helmano, filho do sr. Helmano Santos Bustamante e sra. Heloisa Almeida Bustamante; Cláudio, filho do sr. José Vitorino Lima e sra. Dália Araújo Lima; Pedro Henrique, filho do casal L. Nobre de Almeida e Amélia da Silva Nobre de Almeida; Guilherme, filho do sr. Guilherme Neves Trindade e sra. Nelly Alzira da Mota Trindade; Maria do Carmo, filha do sr. João Lemos de Vasconcelos e sra.; Leila Maria, filha do casal Jaime Hilda Silva Soares; Regina Célia, filha do sr. Váler Brásil e sra. Luzia Brásil; Jacira, filha do sr. José Orlando Viana e sra. Jursal Viana; Rosemir, filha do sr. Pedro Paulo Muniz e sra. Inalda Souto Muniz; Isabel, filha do sr. Paulo Lual e sra. Maria de Lourdes Vale Burlamaqui; Eunice Maria, filha do sr. Angelo Varella e sra. Maria Amália Varella; Terézinha, filha do sr. Osvaldo Gomes Viana-Neusa de Azevedo Viana.

FAZ anos hoje o dr. Luiz Sousa, Matta, assistente do Instituto de Ginecologia da Universidade do Brasil e médico da Maternidade de Arnaldo de Moraes.

Será homenageado em sua residência, por um grupo de colegas e amigos.

Excursão à Europa — ATENDENDO a pedidos, o Touring Clube do Brasil realizará, em janeiro próximo, uma Excursão de Férias à Europa, a bordo do novo paquete francês "Provence".

Entre outras cidades, serão visitadas: Marselha, Nice, Cannes, Bordô, Pau, Montreux, Ginebra, Paris, na França; Monte Carlo (Mônaco); Gênova, Spérta, Pisa, Livorno, Croceto, Roma, Nápoles, Florença, Veneza e Milão, na Itália; Lucerna, Interlaken, Lausanne, Montreux, Vevey, Basileia, na Suíça.

A duração total do passeio será de 64 dias.

No Brasil a esperança do mundo — Junia as razões do otimismo que os brasileiros e estrangeiros manifestam sobre o nosso país? O que nos indica um grande futuro para o Brasil? Em que se baseiam as nossas esperanças de um extraordinário progresso? Leia em Seleções de novembro uma narrativa apaixonante sobre os imensos recursos do Brasil e mais 28 artigos de profundo interesse humano, além do resumo de um livro famoso: "A magia da dança". Adquirir hoje o seu exemplar de Seleções de novembro, à venda em todas as bancas de jornais.

CELEBRAR-SE, ontem, às 11.30 horas, no altar-mor da Candelária, a missa de sétimo dia, por alma do sr. Eurico de Souza Gomes, pai do diretor da Central do Brasil. O templo achava-se repleto de pessoas amigas do extinto, notando-se, entre os presentes, senadores, deputados, vereadores e altas autoridades.

Adiado o almoço — DEVIDO aos trabalhos da reunião do Conselho Nacional do SSI, ficou adiado para a próxima semana o almoço em homenagem ao sr. Antonio Devisati, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, que deveria se realizar na ABI.

Reunião — REUNEM-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEGUROS DE VIDA DO IPASE — Moacyr de Oliveira Paula Corretor — Tel.: 45-2131

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

SEU-SE hoje, às 10 h., na Avenida Almirante Barroso, 97, 12.º andar, os médicos formados pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1952. Vão discutir e aprovar o Estatuto de sua Sociedade. Para essa reunião, foram convidados os colegas residentes no Rio.

Endo coluem a tarde, Triana Tel. 1 Viajava die na entrelinha do 1 do para o necroterio de I.M.B.

CINEMA

"Tragédia do meu destino"

JOAN Crawford e David Brian continuam em dupla, fazendo filmes de gangsterismo de elite, onde a mulher é sempre um ponto preponderante e o trágico na carreira de um "big-shot" do crime. "Tragédia do meu destino" é o quarto do quinto, fugindo um pouco à linha e mostrando um criminoso comum preso a uma ex-presidenciária, pessoa que ajudou.

O drama psicológico do personagem interpretado por David Brian é a espinha dorsal do filme. Paralelo, desenvolve-se um outro drama, também psicológico, com Joan Crawford (a mulher que é espécie de "estrela" na carreira do criminoso), revelando um temperamento revoltado e desviado para o crime por circunstâncias que conceitos simplistas sempre atribuem a falhas do sistema social. Mais tarde, procurando salvar-se da cegueira iminente, se apaixoa por um médico — e uma figura muito bem engendrada — e a recuperação da vista, voltando a ver as coisas num sentido verdadeiro e humano. A história utiliza-se de um triângulo muito comum: uma mulher que vive entre o crime e a virtude, colocada diante de dois homens que representam justamente o crime e a virtude isoladamente. E o final épico, com a mulher sacrificando-se pela virtude, deixando ao outro o desespero seguido da morte.

Em todo o caso, é sempre um prazer rever Joan Crawford nos últimos degraus da carreira, mas nunca desceendo. David Brian, alto, alourado, violento, permanece fiel ao tipo que desempenha com regularidade. Denis Morgan (sem cantar) é o mais fraco. — N.C.



Marlon Brando e Vivien Leigh, numa cena do filme "Uma rua chamada pecado", da Warner Bros.

"Traído pelas mulheres"

A TELEFILMEX apresentará brevemente, nos cinemas do circuito de Luis Severiano Ribeiro, o filme francês "Traído pelas mulheres". (Pas de pitié pour les femmes), dirigido por Christian Blangé, e que reúne Michel Auclair, Simone Renant, Marcel Herrand e Geneviève Page nos principais papéis.

Adaptado de um romance de Jean Guitton, "Les femmes sont bisasses", "Traído pelas mulheres", conta de maneira dramática e inédita, um caso de usurpação de personalidade.

"Uma rua chamada pecado"

NUM filme na história do cinema teve tantas honrarias como "Uma rua chamada pecado", Vivien Leigh e Marlon Brando são os principais intérpretes. Foi dirigido por Elia Kazan. A Warner Bros. vai lançá-lo a partir de segunda-feira, nos cinemas São Luiz, Odeon, Rian, Leblon, Carioca, Botafogo, Ideal, Floriano, Santa Alice e Iguaçu.

"Corações ao Mar"

JACQUES Bernas, Marcello Nasciotti, Doris Dowling, Milly Vitale, Qualitieri Tumietti, Enzo Billotti e outros valores do cinema estarão no filme "Corações ao Mar", que a Art Film lançará proximamente em grande circuito, liderado pelas principais estrelas, Presidente, Pax e Art Palácio.

De "pin-up" a "estrela"

MARILYN Monroe passou de simples "pin-up" a "estrela", com a responsabilidade de importantes papéis dramáticos em nada menos de três grandes filmes. Depois de obter uma das maiores publicidades que jamais se viu, ela agora atua como "estrela" em "So a mulher peca" (Clash by night), em que tem um dos principais papéis femininos, ao lado da protagonista Barbara Stanwyck. Outros papéis: Paul Douglas, Keith Andes e Robert Ryan. "So a mulher peca" será apresentada pela RKO no circuito do Plaza, a partir de segunda-feira.

A SEMANA NOS CINEMAS

CANTINFLAS ("O Mata-Bele" em segunda semana nos cinemas Pathé, Mauá e Para-Todos. Os excelentes René Clair (diretor) e Michel Simon (ator) numa adaptação cinematográfica da lenda de Fausto em "Entre a mulher e o diabo". "Uma aventura na África", experiência bem sucedida de Walter Huston, deixa o circuito onde foi exibido a semana passada e vai para o Império, obedecendo o mesmo horário. "Simão, o caçador", brasileiro.

Embora inferior à semana passada, a que hoje se inicia não será das piores. E o cenário tem agora um novo cinema — o Pax — integrando o circuito do Presidente. "ENTRE A MULHER E O DIABO" — Despedida como a mulher. Traída de uma adaptação cinematográfica da lenda de Fausto, "o homem que vendeu a alma ao diabo". Michel Simon num papel duplo: professor Fausto e Mefford, seu mais acastorado, Fausto e o diabo. Gerardo Filho é o Fausto rejuvenescido. René Clair, responsável por tantas obras de grande qualidade e valor, dirige o filme. Cinemas Pax, Art Palácio, Presidente e Casino Icarai. Horário: 14 — 16 — 18 — 20 e 22 horas. "SIMÃO, O CAÇADOR" — História estranha das aventuras de Gaieteo Contino, escritor paulista falecido num desastre de aviação. Dizem que Cavalcanti concordou em dirigir o filme.

num acesso de vaidade: quer provar aos donos da "Vera Cruz" que também sabe fazer filmes comerciais, em pouco tempo e com pouco dinheiro. Agora é esperar os resultados. Mesquita, na papel-título. Cinemas Palácio, Odeon, Astor, Ipanema, Romy, Miramar, América, Tijuca, Maracanã, Avenida, Iris, Floriano, Icarai, Botafogo, Coliseu, Brás de Pina e Vaz Lobo. Horário: 14 — 16 — 18 — 20 e 22 horas.

TRAGÉDIA DO MEU DESTINO — Joan Crawford, iniciante cega, diante de um triângulo masculino: dois "gangsters" e um cirurgião que termina por devolver-lhe a vista. David Brian, seu companheiro de tantos filmes, é um dos "gangsters"; Denis Morgan, sem cantar, o cirurgião. Cinemas São Luiz, Vitoria, Rian, Leblon, Carioca, Ideal, Santa Alice e Monte Castelo. Horário: 14 — 16 — 18 — 20 e 22 horas.

"HONG KONG" — Produção da dupla "Pine-Thomas", responsável pela maioria dos filmes de alta qualidade da Paramount. Ronald Reagan e Rhonda Fleming nos papéis principais. Cinemas Plaza, Astoria, Olinda, Rita Colonial, Mascote, Haddock Lobo, Primo e Parisienne. Horário: 14 — 16 — 18 — 20 e 22 horas. "NOSSA VIDA" — "VIERAS DO NORTE". O nacional "VENTO NORTE" (no Rex) e o francês "AS PRECOSES" (no Rivoli), ambos em reprise, completam a semana.



Do coro de "Antígona", com Creon (Paulo Autran) voltando aflito, a carregar o corpo de seu filho "Emon" (Luiz Linhares). Paulo Autran acaba de deixar o TBC para fazer o primeiro filme colorido brasileiro, com Mário Cívelli.

MÚSICA

Concertos e Retificações

MÁRIO CABRAL

UM CONDICIONAL E UMA SENHORA ARGENTINA — Guitton não retificamos qualquer erro ocasional do revisor. Mas, na edição sobre "Le Roi David", o caso é diferente. O sentido da frase foi deturpado. Ali escrevemos: "o autor, se presente, certamente se surpreenderia com o tratamento e a compreensão dispensados à sua obra genial". Mas trocamos o condicional pelo pretérito e saiu "o autor, presente, se surpreenderia, etc.", o que não é a mesma coisa, pois Honegger está em Paris, recusando-se de grave enfermidade e a foto dele, que estamos usando, é uma fotografia contida em casa "avec se pipe" legendária.

Na mesma notícia o nome da senhora Vitoria Ocampo, ilustre dama argentina, editora da revista "Sur", saiu como Vitoria Oceano. Outra senhora, em crônica recente, Prince Vitor, a esposa de Joscha Heifetz, saiu sem o prenome. E, outro erro, mas este nosso: "Amphion", de Honegger, tem o libreto de Paul Valéry, e não de Paul Claudel, como foi noticiado.

O "MAGNIFICAT" DE J. S. BACH — Anuncia a Cultura Artística a apresentação desta obra grandiosa em seu 291º ano, marcado para a noite de 19 do corrente, no Teatro Municipal. A sua interpretação será confiada ao coro da Associação de Canto Coral, conjunto que tão brilhantemente atuou no oratório de Honegger e os solistas: Aracy Belas Campos, Kleusa de Pennafort, Guisela Bank, Isaura Camino e Jorge Bailly.

Exposição de Zélia Salgado

A Galeria do Instituto Brasileiro de Estudos Unidos, realizará-se a partir das 10h, às 17h30 horas, a inauguração da exposição de pintura de Zélia Salgado.

Recital de piano

SABADO, às 18h30, na Escola Nacional de Música, o pianista Mário Neves dará um recital dedicado ao Orfanato São José, de Jacarepaguá, com o seguinte programa: 1. — Bach-Busoni: Chaconne. 2. — Schumann: Op. 10, No. 12. 3. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 4. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 5. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 6. — Debussy: La Plus Que Lente. 7. — Fauré: Nocturno. 8. — Grieg: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 9. — Schumann: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 10. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 11. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 12. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 13. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 14. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 15. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 16. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 17. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 18. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 19. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 20. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 21. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 22. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 23. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 24. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 25. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 26. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 27. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 28. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 29. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 30. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 31. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 32. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 33. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 34. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 35. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 36. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 37. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 38. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 39. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 40. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 41. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 42. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 43. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 44. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 45. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 46. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 47. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 48. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 49. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 50. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 51. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 52. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 53. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 54. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 55. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 56. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 57. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 58. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 59. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 60. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 61. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 62. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 63. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 64. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 65. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 66. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 67. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 68. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 69. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 70. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 71. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 72. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 73. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 74. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 75. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 76. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 77. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 78. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 79. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 80. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 81. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 82. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 83. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 84. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 85. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 86. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 87. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 88. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 89. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 90. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 91. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 92. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 93. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 94. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 95. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 96. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 97. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 98. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 99. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 100. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 101. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 102. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 103. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 104. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 105. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 106. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 107. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 108. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 109. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 110. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 111. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 112. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 113. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 114. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 115. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 116. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 117. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 118. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 119. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 120. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 121. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 122. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 123. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 124. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 125. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 126. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 127. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 128. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 129. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 130. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 131. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 132. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 133. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 134. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 135. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 136. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 137. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 138. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 139. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 140. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 141. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 142. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 143. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 144. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 145. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 146. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 147. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 148. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 149. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 150. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 151. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 152. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 153. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 154. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 155. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 156. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 157. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 158. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 159. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 160. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 161. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 162. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 163. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 164. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 165. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 166. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 167. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 168. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 169. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 170. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 171. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 172. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 173. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 174. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 175. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 176. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 177. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 178. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 179. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 180. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 181. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 182. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 183. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 184. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 185. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 186. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 187. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 188. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 189. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 190. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 191. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 192. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 193. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 194. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 195. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 196. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 197. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 198. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 199. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 200. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 201. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 202. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 203. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 204. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 205. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 206. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 207. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 208. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 209. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 210. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 211. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 212. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 213. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 214. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 215. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 216. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 217. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 218. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 219. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 220. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 221. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 222. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 223. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 224. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 225. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 226. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 227. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 228. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 229. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 230. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 231. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 232. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 233. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 234. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 235. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 236. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 237. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 238. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 239. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 240. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 241. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 242. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 243. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 244. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 245. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 246. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 247. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 248. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 249. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 250. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 251. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 252. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 253. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 254. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 255. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 256. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 257. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 258. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 259. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 260. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 261. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 262. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 263. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 264. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 265. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 266. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 267. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 268. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 269. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 270. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 271. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 272. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 273. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 274. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 275. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 276. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 277. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 278. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 279. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 280. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 281. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 282. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 283. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 284. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 285. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 286. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 287. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 288. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 289. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 290. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 291. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 292. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 293. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 294. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 295. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 296. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 297. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 298. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 299. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 300. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 301. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 302. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 303. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 304. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 305. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 306. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 307. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 308. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 309. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 310. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 311. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 312. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 313. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 314. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 315. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 316. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 317. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 318. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 319. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 320. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 321. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 322. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 323. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 324. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 325. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 326. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 327. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 328. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 329. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 330. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 331. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 332. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 333. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 334. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 335. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 336. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 337. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 338. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 339. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 340. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 341. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 342. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 343. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 344. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 345. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 346. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 347. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 348. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 349. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 350. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 351. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 352. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 353. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 354. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 355. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 356. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 357. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 358. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 359. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 360. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 361. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 362. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12, No. 1. 363. — Beethoven: Sonata em Sol maior, Op. 10, No. 3. 364. — Chopin: Nocturno, Op. 9, No. 3. 365. — Liszt: Sonata em Si menor, Op. 12,

HOJE NOITE COMERCIAL em Copacabana

Copacabana, o bairro elegante de que a cidade se orgulha, é o primeiro a iniciar sua vida comercial noturna.

Todas as sextas-feiras, as boas casas do bairro permanecem abertas até as 22 horas, o que vem dando novo e salutar impulso à sua vida noturna.

Parabéns, pois, aos moradores de Copacabana, que, às sextas-feiras, podem fazer suas compras no próprio bairro, comodamente e sem atropelos.

ROUPAS SO' ROUPAS...
PARA HOMENS E RAPAZES

LOJAS DUCAL

Copacabana

Abertas diariamente até as 10 hs. da noite
Av. N. S. Copacabana — Esq. Const. Ramos

CONFECÇÃO PRÓPRIA — MODELOS EXCLUSIVOS
— FINA LINGERIE —

MADemoisELLE MODAS

(Próximo ao Cine Metro)

AV. NOSSA SENHORA DE COPACABANA, 769-A

Tecidos para decorações
Tapetes — Passadeiras
Coberturas

TAPEÇARIA RODRIGUES

AV. N. S. DE COPACABANA, 485
Telefone 37-7244

ANTES DE COMPRAR... DEPOIS DE COMPRAR...

CONFETARIA COLOMBO

Ponto elegante de reunião

AV. NOSSA SENHORA DE COPACABANA, 890



CALÇADOS DE LUXO

AV. N. S. DE COPACABANA, 985
(Esquina de Xavier da Silveira)

S O B R A L

Copacabana

CALÇADOS DE LUXO

AV. NOSSA SENHORA DE COPACABANA, 787-B

PERFUMES — DROGAS

Farmácia Rápida NOITE E DIA

PREÇOS DE DROGARIA

AV. NOSSA SENHORA DE COPACABANA, 1039-A

Indústrias Reunidas

Sofá-Cama



Lda.

AV. PRINCESA ISABEL, 72-A — TEL. 37-1533
(Próximo ao Túnel Novo)

S U L A M A R

ARTIGOS FINOS PARA HOMENS

— CONFECÇÃO PRÓPRIA —

AV. NOSSA SENHORA DE COPACABANA, 584

ARTIGOS FINOS PARA HOMENS

— ESPORTE E PRAIA —

G O N G

AV. NOSSA SENHORA DE COPACABANA, 939-A

TEL. 47-6900

(Próximo ao Cine Roxy)

Especialidade em Porta-retratos
Papeleria — Livraria

Galeria Atlântica

AV. N. S. DE COPACABANA, 630 — TEL. 27-2645

FARMÁCIA NATAL LTDA.

— PERFUMES — DROGAS —

PREÇOS REDUZIDOS — ENTREGA A DOMICILIO

AV. N. S. DE COPACABANA, 74 — TEL. 37-3120

AUTO COPA LTDA.

Automóveis de todos os tipos e marcas - Facilidade
de troca e facilidade de pagamento

RUA BARATA RIBEIRO, 323-A

Tecidos — Sedas
Lãs — Algodões

CASA BRANCA

AV. N. S. DE COPACABANA, 1032-B

Sedas — Lãs
Linhos — Algodões

CASA GEBARA

AV. N. S. DE COPACABANA, 583

Empoado Brasilio Machado na Confederação do Comércio

A solenidade de ontem — O discurso do novo presidente — Os presentes

OMOU posse ontem, às 16 horas, na presidência da Confederação Nacional do Comércio, o sr. Brasilio Machado Neto.

A solenidade realizou-se no salão nobre do Palácio do Comércio, à beira do rio, onde o comércio e da indústria, compareceram ao ato os ministros Simões Filho, Negrão de Lima, Nery Moura, Roldão Lafer, Sousa Lima, João Cleofas e Sargento Vianna. Os vereadores Lucas Nogueira Garças, Estelino Lima, Regis Pacheco e Amaral Peixoto; a senhora Dany Vargas, presidente da Legião Brasileira de Assistência; a sr. Carmelita Lemos Garcez, presidente da Legião Brasileira de Assistência de S. Paulo; o prefeito João Carlos Vital; o sr. Ricardo Jafet, presidente do Banco do Brasil; o senador Marcondes Filho, o sr. Euvaldo Lodi, presidente da Confederação das Indústrias; o sr. Carlos Brandão de Oliveira, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, o sr. Armando Sampaio Costa, presidente do Superior Tribunal de Recursos, e outras personalidades.

O presidente da República foi representado. O comércio e a indústria paulistas enviaram delegações especiais. E o secretário do governador Garças também compareceu.

Os industriais e financeiros de S. Paulo estiveram representados por pessoas dos srs. Francisco Mataram Sobrinho, Orosimbo Loureiro, José Costa Bousinas, Dácio Moraes, Iria Melin, João de Fátima, Horácio de Melo, Antônio Devilante, Francisco de Sales, Vicente de Azevedo e outros.

OS DISCURSOS

Falaram, durante a solenidade, o sr. Brasilio Machado Neto, Eu-



Brasilio Machado

dente agradeceu o "crédito de confiança a S. Paulo" que sua eleição representava. Salientou que o petróleo representa o mais grave problema para a nova geração brasileira.

Examinando a situação brasileira da "Petrobrás", o sr. Brasilio Machado Neto analisou aspectos da situação e salientou que com a situação do jacobinismo que o problema

desencadeara, se destacava a opção do Estado Maior do Exército. A incapacidade de suportarmos os ônus e riscos do capital a investir na Petrobrás e o reconhecimento de que se encontra exaurida a capacidade tributária brasileira — eis dois pontos salientados pelo orador, que disse também que o comércio só era nacionalista quando o nacionalismo significava a prevalência do verdadeiro interesse do país.

Não seria eu digno da investidura que ora recebo, se apenas se neste instante a voz da minha consciência de brasileiro, que ama extremamente sua pátria, e de homem de livre empresa fiel aos postulados democráticos que ela encarna, se me deixasse atemorizar pelo risco de reações apaixonadas.

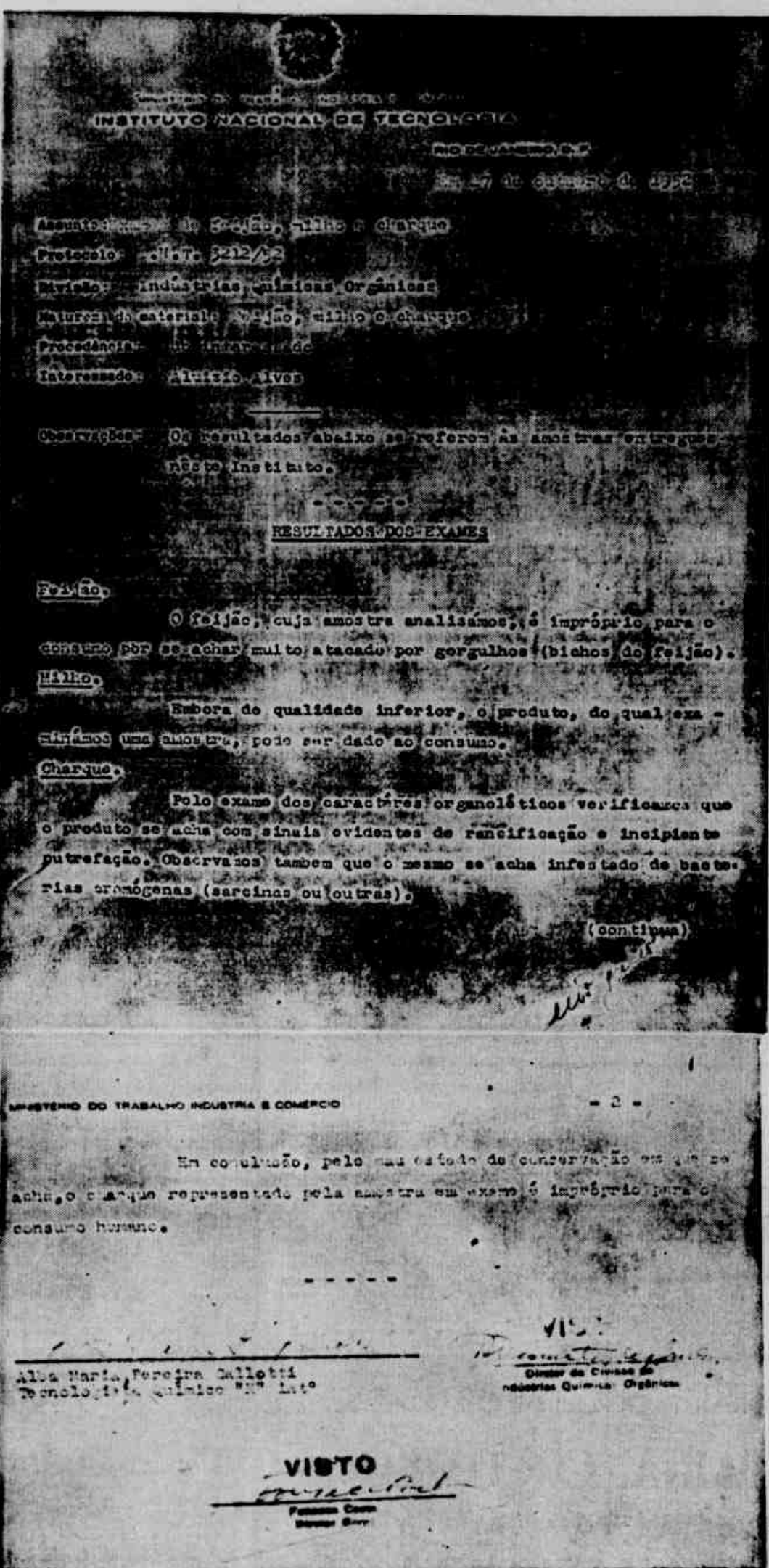
DISCURSO DE LODI
Saudando o novo presidente, o sr. Euvaldo Lodi encareceu a necessidade de as classes produtoras trabalharem pelo engrandecimento econômico do país.

Missão canadense virá ao Brasil

EM princípios de 1953, virá ao Brasil uma Missão de Cordillada canadense que, na ocasião, visitará oficialmente vários países da América do Sul.

A missão — segundo anuncia o governo do Canadá — será chefiada pelo sr. Clarence Decatur Howe, ministro do Comércio, técnicos governamentais e comerciantes e industriais.

O sr. Howe, ao visitar o Brasil, já recebeu comunicação sobre essa visita, que a visita da missão canadense será de utilidade para a intensificação das relações comerciais entre o Brasil e o Canadá.



"Fac similar" da análise do Instituto Nacional de Tecnologia

SÃO IMPRÓPRIOS OS GÊNEROS PARA O CONSUMO HUMANO

São, entretanto, fornecidos pelo Governo aos flagelados do Nordeste — Denúncia do deputado Aluizio Alves, da tribuna da Câmara — Análise do Instituto Nacional de Tecnologia

OS operários dos serviços de emergência, no Nordeste, estão sendo pagos com "gêneros impróprios para o consumo humano", deverá denunciar, da tribuna da Câmara, hoje, o deputado Aluizio Alves, representante do Rio Grande do Norte.

O sr. Aluizio Alves mostrará o desamparo em que se encontra o Nordeste, atingido por duas secas consecutivas, com serviços públicos paralisados, e, além disso, sem recursos financeiros para pagar aos trabalhadores.

Apresentará, nessa oportunidade, o resultado do exame a que procedeu o Instituto Nacional de Tecnologia sobre feijão, charque e milho, fornecidos pelo Governo como pagamento de serviços, mercadorias recolhidas pelo próprio deputado, em visita recente à construção de um açude público no Rio Grande do Norte.

Curso de Tratoristas
Foi inaugurado no Estado da Paraíba o primeiro curso de Tratoristas do Estado, e qual está funcionando na Escola de Agronomia do Nordeste, gratuitamente. Estão matriculados 150 alunos, de todas as classes sociais.

O curso recém-inaugurado está sob a orientação técnica da "Internacional Harvester", a qual enviou uma equipe de 5 técnicos para a organização do curso, que é patrocinada pela firma "Ottoloni & Companhia".

Mas, ainda assim, o embaixador brasileiro apela: "Não se pode dizer que nenhuma nação ou grupo de nações detenha o monopólio da verdade política."

Congresso da ORIT
O MINISTRO DO Trabalho designou o sr. Pericles Monteiro, seu assistente técnico, para trabalhar junto à comissão que organiza o próximo congresso da Organização Regional Interamericana do Trabalho (ORIT), no Rio.

Preocupados os norte-americanos com os nossos atrasados comerciais

"Não compreendem bem os Estados Unidos a razão de tão súbito desequilíbrio" — e general Macedo Soares — Ambiente de expectativa em relação ao Brasil — Desenvolvimento da indústria siderúrgica nos países latino-americanos —

"OS nossos atrasados comerciais vêm preocupando bastante os norte-americanos, os quais não compreendem bem a razão de tão súbito desequilíbrio em nossa balança comercial. Todavia, confiam na ação do nosso governo, tendo rece-

bido com boa impressão as declarações do ministro Horácio Lafer".

Essas palavras são do general Edmundo de Macedo Soares e Silva, membro da Comissão Nacional do Desenvolvimento Industrial, que voltou recentemente

te dos Estados Unidos onde foi para tratar de assuntos ligados à indústria siderúrgica brasileira.

EXPECTATIVA

Diz o general Macedo Soares ter encontrado nos Estados Unidos um ambiente de grande expectativa em relação aos problemas brasileiros, podendo, entretanto, afirmar que as tendências são para a realização de atividades em nosso território.

"Tudo depende" — afirmou — "do ambiente que soubermos criar".

CONFERÊNCIA TÉCNICA

Referindo-se, após, à Conferência Siderúrgica de Bogotá, da qual participou juntamente com outros técnicos brasileiros, disse que os resultados dos trabalhos foram os melhores.

Serviram, mesmo, para mostrar a necessidade de desenvolvimento da indústria siderúrgica nos países latino-americanos, que têm condições para isso: Brasil, Argentina, Peru, Colômbia, Venezuela e México.

EXPANSÃO

Sobre os motivos de sua viagem, esclareceu o general Macedo Soares que fora aos Estados Unidos para procurar resolver problemas relativos à expansão da indústria.

Referindo-se, após, à Conferência Siderúrgica de Bogotá, da qual participou juntamente com outros técnicos brasileiros, disse que os resultados dos trabalhos foram os melhores.

Serviram, mesmo, para mostrar a necessidade de desenvolvimento da indústria siderúrgica nos países latino-americanos, que têm condições para isso: Brasil, Argentina, Peru, Colômbia, Venezuela e México.

EXPANSÃO

Sobre os motivos de sua viagem, esclareceu o general Macedo Soares que fora aos Estados Unidos para procurar resolver problemas relativos à expansão da indústria.

Referindo-se, após, à Conferência Siderúrgica de Bogotá, da qual participou juntamente com outros técnicos brasileiros, disse que os resultados dos trabalhos foram os melhores.

Serviram, mesmo, para mostrar a necessidade de desenvolvimento da indústria siderúrgica nos países latino-americanos, que têm condições para isso: Brasil, Argentina, Peru, Colômbia, Venezuela e México.

EXPANSÃO

Sobre os motivos de sua viagem, esclareceu o general Macedo Soares que fora aos Estados Unidos para procurar resolver problemas relativos à expansão da indústria.

Referindo-se, após, à Conferência Siderúrgica de Bogotá, da qual participou juntamente com outros técnicos brasileiros, disse que os resultados dos trabalhos foram os melhores.

EXPANSÃO

Sobre os motivos de sua viagem, esclareceu o general Macedo Soares que fora aos Estados Unidos para procurar resolver problemas relativos à expansão da indústria.

Na Associação Comercial o governador de S. Paulo

Fará uma conferência sobre planejamento — A saudação do sr. Rui Gomes de Almeida

O GOVERNADOR de S. Paulo, sr. Lucas Garcia, visitará hoje a Associação Comercial, onde fará uma conferência sobre planejamento.

Na ocasião será saudado pelo sr. Rui Gomes de Almeida, vice-presidente da Associação. A saudação começará com as seguintes palavras:

"Sempre que homens de empresas têm oportunidade de depor perante V. Ex. sobre problemas econômicos, recebem não apenas palavras de fé e de patriotismo, mas verificações que estão de fato de uma inteligência dotada de perfeita compreensão em torno das grandes questões que interessam às atividades produtivas."

A OBRA DO GOVERNO
Depois, o sr. Rui Gomes de Almeida falará sobre o governo do sr. Garcia, referindo-se ao Plano Quadrilateral de Administração e comparando-o com "um plano de engenharia, pois que ambos não dispensam o concurso da ciência econômica e dos métodos científicos".

Acrescentará: "Foi feliz o Estado de S. Paulo por ter à frente da sua administração um profissional da categoria do sr. Garcia capaz de organizar um plano de governo na base de um levantamento de suas mais essenciais necessidades".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".

Referindo-se aos planos do governador de S. Paulo, o sr. Rui Gomes de Almeida:

"E não só necessário, mas também perfeitamente possível harmonizar o planejamento com a liberdade econômica, as providências ordenadas do Estado com as atividades das empresas que, em última análise, visam o aumento da produção nacional. O plano formulado por V. Ex. é de todos científico".



Vargas, o estancieiro

HOMENS E FÉRIAS

Terras griladas e despejo de lavradores — Os peões contam o drama de sua vida — Leite, só para a família do capataz — 35 quilos de charque para 60 dias e Cr\$ 100,00 por mês — A farsa dos presentes — Um doente mental explorado e um posteiro que, sem saúde, é despejado como preguiçoso

O JORNAL "A Tribuna", de Porto Alegre, divulgou, em suas edições de 4, 5 e 6 do corrente, uma série de reportagens do jornalista Holanda Castro sobre a estância do sr. Getúlio Vargas em Itú, "Data penita", transcrevemos, sem comentários, essas reportagens.

VENCENDO mil e um obstáculos, o repórter conseguiu atingir seu objetivo: Itú, o imenso e medieval latifúndio de Vargas, que se estende por três léguas no município de S. Borja. Dominando tudo, como uma grande mancha branca em meio ao verde-garrafa dos campos que se perdem de vista, se eleva, no alto de uma colina, uma magnífica construção assobradada, num berrante contraste com a paisagem de miséria das chagas onde habitam os trabalhadores da fazenda — peões, pastores, bateladores de campo. E à medida que nos aproximamos da casa senhorial de Vargas, o contraste se torna ainda mais grotesco. Ao fundo

Bestas de carga

Em Itú os trabalhadores são reduzidos à condição de ver-

deiras bestas de carga. Trabalham de sol a sol, desde a madrugada até à noite, com apenas um pequeno intervalo para o almoço. São homens de aspecto miserável, a pele mal coberta por trapos de pano, descalços, barbudos, que em troca do muito que produzem recebem o alimento parco, insuficiente, e salários que variam entre 100 e 300 cruzeiros no máximo. E isso só teoricamente. Na prática, não vêem dinheiro. Os pagamentos são efetuados quando bem entende o sr. Maneco Vargas, atual secretário de Agricultura do Estado, que dirige as propriedades do pai.

Atualmente faz seis meses que não recebem. Não dispõem de um só centavo para atender as mínimas necessidades, até mesmo para medicamentos, não têm com que se tratar. Se não curam com o chá das ervas do mato, morrem. Não há de qualquer recursos médicos. Escravos de Getúlio, é o que são. E escravos que o senhor desu- nido cuida, pois não costumam dinheiro, podem ser substituídos facilmente.

24 horas no feudo

Como simples viajante, o repórter passou 24 horas, nesse bárbaro feudo do dilador Vargas. Por essa razão, pôde ver e sentir toda a brutalidade do regime da mais completa escravidão, que estão sujeitos os trabalhadores, homens que vivem à margem da civilização.

Em sua maioria, daí nunca arredaram pé, não conhecendo sequer a cidade de S. Borja, que dista apenas 15 léguas. Alguns não têm a mínima idéia de como se seja uma cidade, por isso mesmo se prestam melhor a exploração desumana de Vargas. São homens que dificilmente falam e nunca riem. Brutalizados pelo trabalho escravo, quase perderam a faculdade de falar. Além de tudo, são arredios, desconfiados, dado o hábitat em que vivem. Só conhecem inimigos.

O capataz

Eram precisamente 18 horas quando paramos a velha camioneta à porta do capataz, de nome Aristeu, que administra os negócios do campo.

Embora adivinhássemos fosse aquela a sua casa, resolvemos perguntar a um peão que se encontravam sentados sob a sombra de uma grande árvore. Estavam acordados sobre o capataz. Um deles, diante de nossa interpelação, limitou-se a nos encerrar e depois, apontando direção à casa que víamos à nossa frente, disse: — "É ali. Pode se chegar".

Ao darmos as costas, sentimos que todos nos olhavam interrogativamente, dado o silêncio que nos cercava. Batemos à porta. Um homem amulhado, espadado, forte que nem um touro, de revólver à cinta e cara de poucos amigos, surgiu. Olhando-nos de alto a baixo, interrogou-nos com voz de trovão, quase agressivamente: — "Quem é lá?"

Explicamos-nos. Eramos viajantes. Aristeu, o capataz, respondeu: — "Ah! São viajantes, hein?" E após fixar-nos mais atentamente: — "Se chegaram lá, o rancho é bom. Não o velho galpão. A frente do qual estavam sentados os peões."

Revolta

Em pouco, era noite fechada. O clima quente, o rio e o frio era intenso. No salão fofo, o fogo e em torno sentaram-se os peões. Arranhamos um copo e fomos participar daquele calor. Ninguém falava. O chimarrão passava de mão em mão. Passados alguns instantes, chegou o carpinteiro da fazenda.

Um trabalhador, homem idoso, tez morena, — "Buenas!" — Todos responderam e o silêncio foi quebrado por Temis, o coelho que revolteado, começou a falar. Era o nosso primeiro contato com a dura realidade da vida em Itú.

Começou sua história: — "Vocês sabem no que deu aquele trabalho que tive com meu filho? Foi fazer um rancho pro pai? Pois, homem, o "di. Maneco" achou caro os 950 cruzeiros que cobrei".

Fiz uma pequena pausa. E depois prossegui. Havia trabalhado, em seis dias, da manhã à noite, e meu filho, mais 10 para acabar o galpão. Este mede 8 metros de largura por 12 de comprimento. UMA BARBARIDADE — na expressão gáucha.

— "E sabem o que fez?" — dirigiu-se aos seus companheiros que o ouviam calados. — "Mandou o capataz me entregar 600 cruzeiros, dizendo que era só e que valia até 30 dias. Mas eu não aceitei não. E vou esperar até acertar as contas".

Imediatamente nos tornamos amigos. Ganhamos sua simpatia. Servimos-lhe o chimarrão. E puxamos conversa. Primeiro sobre como Getúlio tinha adquirido toda aquela extensão de terra.

Grileiro

Ele iniciou dizendo que não sabe como aquele mundo de terra havia sido conquistado. Anque lhe contaram, a maior parte da herdada. E um latifúndio que marcou data para o mundo em mão para os herdeiros da família. Mas de uma coisa sabia.

"Essas terras que dão ali para aquela fazenda", disse apontando para o norte, "foram tomadas no tempo da ditadura".

Interessamo-nos. Pedimos detalhes.

"Nossas terras moravam muitos colonos. Gente pobre, como nós, não é? Pois bem, o homem (Getúlio) pegou duas trocadas jogou pra eles e mandou-o ir embora para outro lado".

— "Espalhou-o, não é?" — "Foi. Pois se eles não saíssem por bem saíam de qualquer forma".

— "Mas, como fez isso se ele próprio é quem disse ser preciso proteger o homem do campo e fala em leis para esse fim?" — Encarou-nos meio desconfiado. Mas depois não se conteve: — "Ora, lei! Ele fez as leis lá pros outros, mas aqui não aplica".

Não podemos colher mais nada dessa noite. Em sua maioria, os peões estavam cansados. Queriam dormir. E para nossa surpresa, vimos alguns se retirarem e voltarem pouco depois sobrando pelegos, que estavam no chão de barro batido, deitando-se, em torno do fogo, e ali se dormia.

— "Mas, e aqui se dorme assim?" — perguntamos. — "E? O senhor vai estranhar mas a gente está acostumado" — respondeu um velho peão que já se havia estendido sobre seu pelego, surrado, sujo do suor dos animais, transcendendo um forte mau cheiro.

O frio

De vez em quando um peão levantava-se para atizar fogo que nos protegia do frio intenso, cortante que fazia. O vento açoitava violentamente a coberta do velho galpão.

Dormir era impossível. O cheiro nauseabundo dos pelegos impregnados do suor dos animais tornava-se cada vez mais insuportável. Resolvemos sentar à beira do fogo, passando a noite em torno do fogo, espalhados pelo chão de barro batido, os peões dormiam.

5 horas da manhã. Quase noite ainda, o capataz chegou à porta do galpão e batendo palmas:

— "Toca a levantar pessoal. É tempo de ir ganhar a boia do dia" — gritou com sua voz de trovão, despertando os trabalhadores.

Arroz com charque

Sentaram-se em torno do fogo e o chimarrão foi servido, passando de mão em mão. Momentos depois veio o café. De uma bandeja colocada sobre uma cadeira, cada um retirava sua ração.

Um arroz escuro, pastoso, misturado com pedaços de charque que não dava para encher o pequeno prato onde estava servido.

Não tomam leite

— "Vocês não tomam leite?" — perguntamos. — "Que esperança!" respondeu um peão. Aqui só se tira leite de 4 vacas e todo ele vai para a casa do capataz.

E existem 6 mil cabeças de gado! Mais de 6 mil vacas! Porém o latifundiário Getúlio Vargas não permite que alguns litros de leite sejam tirados para consumo dos trabalhadores. Terminaram de engolir a mamadeira e passaram a recolocar os pratos na bandeja e após beberem água numa torneira, tomaram dos arreios e ganharam o campo e de uma parte cercado, onde pegaram os animais, selaram e partiram para as invernadas, a cuidar do gado.

Há seis meses não vêem dinheiro

Ao meio-dia regressaram para o almoço. Vinham suados, cansados. Foram para o galpão, sentaram-se pelo chão à espera do almoço.

Nessa hora conseguimos conquistar a confiança de todos. Já falavam com mais desenvoltura, respondendo às perguntas que fazíamos.

— "Quanto ganham nessas viagens?" — "250 cruzeiros por mês" — respondeu um dos mais jovens peões.

— "Era o que se ganhava?" — arremetia um outro. — "Bem, não! Apoiou um peão alto, de cara larga, que em seguida soltou a língua.

Faz seis meses que não pegam um só centavo — estão trabalhando de graça para Getúlio. Todos os trabalhadores, pastores, bateladores de campo, ninguém lá recebeu dinheiro.

Cinismo

Má pouco tempo, o sr. Maneco Vargas esteve na fazenda. Chegou no avião e voltou após conferenciar largamente com o capataz. Todos esperavam que ele pagasse os salários atrasados. Mas tal não aconteceu.

O filho do pai dos pobres não cogitou disso. Alegou simplesmente que não tinha dinheiro e nem sequer marcara data para efetuar o pagamento. E com a maior naturalidade do mundo, regressou a esta capital, onde vive a exaustão e o dinheiro negado aos trabalhadores, que para ele e o pai trabalham de sol a sol.

Por fim chegou o almoço. O mesmo arroz com charque servido pela manhã, sendo apenas em maior quantidade.

A farsa das bombachas

Conversa val, conversa vem, os peões, homens simples e que às vezes vão coltando aquilo que sentem, foram falando e contando certas coisas que nem a "Revista do Globo", nem o "Cruzeiro", nem os "Associados" disseram das muitas vezes, que lá estiveram.

260 Milhões de Cruzeiros Por Setenta Aviões a Jato

Na transação, 14 mil toneladas de algodão do Banco do Brasil — No próximo mês, a chegada da primeira esquadrilha — Oficiais da FAB irão treinar na Escola da Royal Air Force — Sargentos treinarão nas oficinas da Rolls Royce — Uma fábrica de aviões Fokker, da Holanda para o Brasil — Três questões objetivas — Na palavra do chefe do gabinete do Ministro da Aeronáutica, a infraestrutura das nossas bases militares comporta a operação de aviões a jato — Peças sobressalentes no valor de 500.000 libras esterlinas — A aviação comercial está também interessada na aquisição de material em regime de compensação

O CORONEL Dario de Azambuja, chefe do gabinete do ministro da Aeronáutica, convocou, ontem à tarde, os representantes da imprensa, para uma entrevista coletiva, sobre a recente aquisição de 70 aviões ingleses a jato, transação essa que tem servido de tema para os mais variados comentários e até para um pedido de informações, na Câmara dos Deputados, no Ministério da Aeronáutica.

Declarou, de início: — "Desde 1951, que o Ministério da Aeronáutica estudava um meio de adquirir aviões a jato, para a reaparelhamento da nossa FAB. No entanto, mil e uma dificuldades se apresentavam: Os Estados Unidos, nosso habitual fornecedor de material aeronáutico, estava comprometido, por acordo, com forças aéreas de outros países; o mesmo acontecia com as fábricas da Inglaterra. Por outro lado, não havia divisas, quer em libras, quer em dólares, que possibilitassem qualquer operação dessa espécie.

A situação era, de fato, embaraçosa. Em agosto do corrente ano, quando me dirigí à Inglaterra, a fim de assistir ao Festival Aeronáutico de Fairbrough, levei a incumbência do ministro da Aeronáutica de verificar "in loco" as possibilidades de uma transação com fábricas inglesas. Entabulei conversações com os diretores do grupo Hawker Siddeley, ao qual pertence a fábrica dos famosos aviões "Gloster Meteor". Chegamos à conclusão de que a transação era perfeitamente exequível, à base de compensação. Isto, porque a Royal Air Force havia cancelado uma encomenda de várias dezenas de "Gloster Meteor", a respectiva fábrica, em virtude de nova encomenda de uma série de aparelhos "Javelin", protótipo recentemente aprovado e cuja fabricação somente agora vai ter início.

milhões e 115 mil libras esterlinas, o que vem dar, no câmbio oficial, cerca de 260 milhões de cruzeiros. No entanto, os ingleses queriam 80% do algodão, do tipo 6, e 20% do tipo 8. A princípio, o Banco do Brasil não concordou, uma vez que estava interessado em colocar maior quantidade do tipo 6. Os ingleses, porém, se mantiveram irredutíveis na sua proposta. Nestas condições, a operação foi efetuada diretamente entre os representantes ingleses e o Banco do Brasil, com a efetiva colaboração do Ministério da Fazenda. Ao Ministério da Aeronáutica coube, não somente, a parte técnica do acordo e o respectivo encaminhamento para a sua concretização — o que foi alcançado — com a assinatura das partes interessadas, no dia 28 de outubro passado.

Assim sendo, o débito da Aeronáutica ficou na conta corrente do Banco do Brasil — débito este que o Ministério da Aeronáutica procurará pagar com os próprios recursos da sua dotação orçamentária, com a venda destinada ao material, na parte concernente à aquisição de aviões, em prazo aproximado de três anos, tendo em vista, sobretudo, o reforço dessa verba, nos anos subsequentes.

"Pelo que estamos expondo desta transação, os senhores poderão perceber" — acrescentou o coronel Dario — "que esta transação representava a melhor oportunidade que já se apresentou, até agora, para o reaparelhamento da nossa Força Aérea e o consequente ingresso da nossa Aeronáutica na era do jato".

Em dezembro, a entrega

SOBRE a remessa dos aviões, o coronel Dario esclareceu: — "Até o dia 28 de dezem-

bro, serão entregues à FAB os primeiros aparelhos da encomenda, sendo que 2 ficarão em Londres, para o treino de uma turma de oficiais nossos que irão à Inglaterra; os outros 4 virão para o Brasil com o respectivo piloto de provas da fábrica.

Dos 70 aparelhos adquiridos, 10 são do tipo M-7, isto é, de dois lugares, para treinamento. Os outros 60 são do tipo M-8, de caça, mas, tanto servem como aviões de defesa como de ataque, atuando como bombardeiro leve, equipado com bombas, foguetes e torpedos.

A velocidade média das dezesseis aviões é da ordem de 900 quilômetros horários e a sua autonomia anda pela casa das duas horas — o que equivale a dizer que poderão ir do Rio de Janeiro a Porto Alegre em duas horas, sem pousar.

Após a entrega dos seis primeiros aparelhos, que serão do tipo M-7, o restante virá, por esquadrilhas, parceladamente, na média de três por semana. Assim, até o fim do próximo ano, teremos todos os aviões da encomenda no Brasil. Ião formar dois esquadrões da nossa Força Aérea. Um, provavelmente, ficará sediado em Santa Cruz.

Nossos oficiais estão ansiosos por conhecer e pilotar a nova aeronave, devendo a primeira turma embarcar para Londres, ainda este mês. Também em-

ser utilizado pela Royal Air Force, como avião de defesa de primeira linha, para que se tenha o comprovante da sua eficiência. Acrescenta-se que é utilizado por quase todas as outras Forças Aéreas da Europa Ocidental.

Com relação à segunda questão, pouco adiantar que os "Gloster Meteor" poderão operar, eficientemente, nas bases do Galeão, Santa Cruz, Gravataí, Natal, Recife, Fortaleza e Belém. Não resta dúvida que terão o comprovante da sua eficiência. Acrescenta-se que é utilizado por quase todas as outras Forças Aéreas da Europa Ocidental.

Quanto à terceira questão, quero frisar que faz parte do acordo o envio de peças sobressalentes, tais como: peças de estrutura, tanques de gasolina, ferramentas, palhetas, motores, no valor de 500 mil libras, isto é, mais do dobro do que foi informado pelo técnico da fábrica, para a real função, pagamento desses aparelhos, por cinco anos, tendo-se em vista que o funcionamento médio anual de cada aeronave é de 100 horas de voo".

Uma fábrica da Holanda para o Brasil

O CORONEL Dario informou ainda que, no próximo ano, já estará instalada na fábrica do Galeão uma linha de montagem de aviões da fábrica Fokker, a ser transferida da Holanda para o Brasil, em virtude de acordo que será ultimado por todo este ano.

A Fokker fabricará, inicialmente, peças para a construção do tipo S-14, avião de caça equipado com motor a jato "Rolls Royce", e um tipo de treinamento que substituirá o atual "Pittman PT-19" e será empregado não só na Escola de Aeronáutica como nos aeroclubes.

Posteriormente, produzirá todas as peças de cada tipo de aeronave, sem necessitar importá-las da Europa. Uma particularidade dessa fábrica é que será instalada de maneira a se poder fazer em suas oficinas a inspeção de todos os tipos de aviões utilizados, atualmente, pelas nossas empresas de aviação comercial.

O coronel Dario adiantou que, dentro de dois anos, a contar da data da instalação da fábrica, serão entregues à Aeronáutica, os primeiros aparelhos dos tipos, adequadamente, fabricados no Galeão.

Também à aviação comercial

REFERINDO-SE aos problemas que afligem as companhias de aviação comercial, o coronel Dario declarou que as empresas cogitam da aquisição de quadrimotores a jato do tipo "Conquest" da Aviação Brasileira do Sul, com enorme êxito, e dos aviões "Viscount", a turbo-hélice, na Inglaterra, a base de compensação, em virtude da escassez de divisas em libras.

As três companhias, atualmente, em negociações para a realização de transações dessa natureza, são a Panair, o Lóide Açore e a VARIG.

Três questões objetivas

REPORTER alude a três questões, que fazem parte do requerimento de informações do deputado José Bonifácio:

1. O Estado Maior da Aeronáutica foi ouvido a respeito dessa transação?

2. Está a nossa infra-estrutura em condições de operação para aviões a jato?

3. A transação inclui peças sobressalentes?

Respostas:

— "É curial nas Forças Armadas que para toda aquisição que implique material de guerra, deve ser consultado o Estado Maior respectivo. No caso da aquisição dos aviões a jato, foi o próprio chefe do Estado Maior quem propôs ao ministro a transação.

Quanto à qualidade do aparelho em questão, basta o fato de



O coronel Dario de Azambuja, quando falava à imprensa, no Salão Nobre do Ministério da Aeronáutica

Assim, a encomenda da Aeronáutica seria bem oportuna para a fábrica dos "Gloster Meteor", pois possibilitaria a continuação do seu ritmo de produção desses aviões.

As negociações

— "RESTAVA saber qual a matéria prima que podíamos oferecer, como compensação, para a compra dos aviões a jato" — continuou o coronel Dario.

Primeiramente, aventamos a hipótese da compensação pela madeira da região amazônica, muito empregada na confecção de dormentes para estradas de ferro. Depois, em virtude de dificuldades apreciadas, levamos à pauta das considerações, com o representante dos fabricantes ingleses, Mr. Wills, o algodão, oferecido aqui de propriedade do Banco do Brasil.

A base estabelecida pela Comissão de Algodão do Reino Unido para a transação, foi de 14.000 toneladas, no valor de 4

milhões e 115 mil libras esterlinas, o que vem dar, no câmbio oficial, cerca de 260 milhões de cruzeiros.

No entanto, os ingleses queriam 80% do algodão, do tipo 6, e 20% do tipo 8. A princípio, o Banco do Brasil não concordou, uma vez que estava interessado em colocar maior quantidade do tipo 6. Os ingleses, porém, se mantiveram irredutíveis na sua proposta.

Nestas condições, a operação foi efetuada diretamente entre os representantes ingleses e o Banco do Brasil, com a efetiva colaboração do Ministério da Fazenda.

Ao Ministério da Aeronáutica coube, não somente, a parte técnica do acordo e o respectivo encaminhamento para a sua concretização — o que foi alcançado — com a assinatura das partes interessadas, no dia 28 de outubro passado.

Assim sendo, o débito da Aeronáutica ficou na conta corrente do Banco do Brasil — débito este que o Ministério da Aeronáutica procurará pagar com os próprios recursos da sua dotação orçamentária, com a venda destinada ao material, na parte concernente à aquisição de aviões, em prazo aproximado de três anos, tendo em vista, sobretudo, o reforço dessa verba, nos anos subsequentes.

"Pelo que estamos expondo desta transação, os senhores poderão perceber" — acrescentou o coronel Dario — "que esta transação representava a melhor oportunidade que já se apresentou, até agora, para o reaparelhamento da nossa Força Aérea e o consequente ingresso da nossa Aeronáutica na era do jato".

Em dezembro, a entrega

SOBRE a remessa dos aviões, o coronel Dario esclareceu: — "Até o dia 28 de dezem-

Fol dessa conversa que o repórter ficou sabendo, por exemplo, da farsa das bombachas. Tudo aconteceu no dia 28 de outubro do Itú, quando o latifundiário virou de novo presidente.

Todos os peões receberam, como quem recebe fardamento, bombachas novas e botas que nunca haviam caído, para dar "abença ao padrinho..." Os "flashs" espoucaram. — "Era relâmpago de todo o lado, seu moço!" — dizia-nos um peão.

As revistas e jornais, aumentaram suas tiragens, coloriram as capas e os peões do Itú foram conhecidos assim em todo o Brasil, e até no exterior.

Acontece, porém, que mal se retiravam os jornalistas, as vitais, mal decolaram os aviões imediatamente o fardamento foi recolhido, para outra despedida.

Os trabalhadores cobriram-se novamente com suas velhas bombachas, vestiram alguns anjuros e de pé no chão reclinaram a recorda do campo, o rodeio, o repente, a marcação — dia após dia, mês após mês, para que a burra do "seu" dr. Getúlio Vargas continuasse a se encher.

Um posteiro

O capataz saiu para o campo. Estávamos com maior mobilidade dentro do feudo de Vargas — e tratamos de aproveitá-la ao máximo.

Dirigimo-nos para uma choca que distinguíamos muito longe, lá onde a vista quase não alcançava. Era a casa de um posteiro, homem encarregado de cuidar de certo número de cabeças de gado e de uma parte da cerca que limita os domínios do latifúndio.

Caminhamos meia hora. A distância encurtando paulatinamente. A porta da choca estava um homem vestido miseravelmente, barbado, sentado numa cadeira. Era um posteiro. Em seu redor, crinchantas brincavam.

— "Boa tarde" — saudamos. — "Vamos se chegando?" — respondeu.

Vale o chimarrão. A chaleira de água quente foi colocada ao lado. Contamos que havíamos sido informados de sua demissão por ordem do sr. Maneco Vargas, e que o capataz estava exigindo sua saída da fazenda. — "É certo, moço. Foi despejado. Não me querem mais aqui" — disse, tendo a vista fixa num pedaço de pau que tinha entre as mãos e que se esforçava para quebrar.

— "Chamam-me de preguiçoso..." — respondeu. — "Quanto ganham nessas viagens?" — "250 cruzeiros por mês" — respondeu um dos mais jovens peões.

— "Era o que se ganhava?" — arremetia um outro. — "Bem, não! Apoiou um peão alto, de cara larga, que em seguida soltou a língua. Faz seis meses que não pegam um só centavo — estão trabalhando de graça para Getúlio. Todos os trabalhadores, pastores, bateladores de campo, ninguém lá recebeu dinheiro.

— "E sabem o que fez?" — dirigiu-se aos seus companheiros que o ouviam calados. — "Mandou o capataz me entregar 600 cruzeiros, dizendo que era só e que valia até 30 dias. Mas eu não aceitei não. E vou esperar até acertar as contas".

Imediatamente nos tornamos amigos. Ganhamos sua simpatia. Servimos-lhe o chimarrão. E puxamos conversa. Primeiro sobre como Getúlio tinha adquirido toda aquela extensão de terra.

Ele iniciou dizendo que não sabe como aquele mundo de terra havia sido conquistado. Anque lhe contaram, a maior parte da herdada. E um latifúndio que marcou data para o mundo em mão para os herdeiros da família. Mas de uma coisa sabia.

"Essas terras que dão ali para aquela fazenda", disse apontando para o norte, "foram tomadas no tempo da ditadura".

Por fim chegou o almoço. O mesmo arroz com charque servido pela manhã, sendo apenas em maior quantidade.

A farsa das bombachas

Conversa val, conversa vem, os peões, homens simples e que às vezes vão coltando aquilo que sentem, foram falando e contando certas coisas que nem a "Revista do Globo", nem o "Cruzeiro", nem os "Associados" disseram das muitas vezes, que lá estiveram.

Interessamo-nos. Pedimos detalhes.

Nossas terras moravam muitos colonos. Gente pobre, como nós, não é? Pois bem, o homem (Getúlio) pegou duas trocadas jogou pra eles e mandou-o ir embora para outro lado.

Espalhou-o, não é?

Foi. Pois se eles não saíssem por bem saíam de qualquer forma.

Mas, como fez isso se ele próprio é quem disse ser preciso proteger o homem do campo e fala em leis para esse fim?

Encarou-nos meio desconfiado. Mas depois não se conteve: Ora, lei! Ele fez as leis lá pros outros, mas aqui não aplica.

Não podemos colher mais nada dessa noite. Em sua maioria, os peões estavam cansados. Queriam dormir. E para nossa surpresa, vimos alguns se retirarem e voltarem pouco depois sobrando pelegos, que estavam no chão de barro batido, deitando-se, em torno do fogo, e ali se dormia.

Mas, e aqui se dorme assim?

E? O senhor vai estranhar mas a gente está acostumado

respondeu um velho peão que já se havia estendido sobre seu pelego, surrado, sujo do suor dos animais, transcendendo um forte mau cheiro.

De vez em quando um peão levantava-se para atizar fogo que nos protegia do frio intenso, cortante que fazia. O vento açoitava violentamente a coberta do velho galpão.

Dormir era impossível. O cheiro nauseabundo dos pelegos impregnados do suor dos animais tornava-se cada vez mais insuportável. Resolvemos sentar à beira do fogo, passando a noite em torno do fogo, espalhados pelo chão de barro batido, os peões dormiam.

5 horas da manhã. Quase noite ainda, o capataz chegou à porta do galpão e batendo palmas:

Toca a levantar pessoal. É tempo de ir ganhar a boia do dia

gritou com sua voz de trovão, despertando os trabalhadores.

Arroz com charque

Sentaram-se em torno do fogo e o chimarrão foi servido, passando de mão em mão. Momentos depois veio o café. De uma bandeja colocada sobre uma cadeira, cada um retirava sua ração.

Um arroz escuro, pastoso, misturado com pedaços de charque que não dava para encher o pequeno prato onde estava servido.

Não tomam leite